

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
FCSAC - DESIGN DE MODA

ISABELLA DE CARVALHO FERREIRA
MARINA REZENDE GONZAGA

**LIVRO SOBRE AS MODIFICAÇÕES CORPORAIS FEMININAS CAUSADAS
PELA INDUMENTÁRIA:
ESPARTILHOS E SAPATOS DE LÓTUS**

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
2018

ISABELLA DE CARVALHO FERREIRA
MARINA REZENDE GONZAGA

**LIVRO SOBRE AS MODIFICAÇÕES CORPORAIS FEMININAS CAUSADAS
PELA INDUMENTÁRIA:
ESPARTILHOS ESAPATOS DE LÓTUS**

Relatório apresentado como parte das exigências da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Design de Moda, da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Comunicação, da Universidade do Vale do Paraíba.

Orientadora: Raquel de Andrade

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
2018

ISABELLA DE CARVALHO FERREIRA
MARINA REZENDE GONZAGA

**LIVRO SOBRE AS MODIFICAÇÕES CORPORAIS FEMININAS CAUSADAS
PELA INDUMENTÁRIA:
ESPARTILHOS ESAPATOS DELÓTUS**

Relatório apresentado como parte das exigências da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Design de Moda, da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Comunicação, da Universidade do Vale do Paraíba.

Orientadora: Raquel de Andrade

Banca examinadora:

Examinador (a)

Examinador (a)

Examinador (a)

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
2018

DEDICATÓRIA

Este projeto é dedicado a todos os professores que nos ensinaram o amor pela moda, à nossas famílias e colegas do curso de Moda da Universidade do vale do Paraíba.

TURMA DE 2015

Agnes Carvalho	Felipe Orioli	Nadja D'Amo
Aléxia Inácio	Fernanda Marques	Paula Lopes
Ane Caroline	Ingrid Hervatin	Renata Marques
Caroline Moreno	Isabella Bernardes	Sueli Gomes
Cristiane Knupp	Julia Pereira	Thamires Sena
Naiara Galietta	Marie Nadine	

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus e a todos que possibilitaram a existência deste livro. À professora Raquel, que nos apresentou o universo da história da moda e esteve presente em todo o processo criativo; às professoras Rachel, Vânia e Manuela que sempre estiveram à disposição para ajudar a qualquer momento; e, finalmente, aos nossos pais, que acreditaram e possibilitaram a viabilidade deste projeto.

*“Nascer mulher é saber que - mesmo que não falem sobre isso na escola -
mulheres devem se esforçar para serem bonitas”
- W.B. Yeats*

RESUMO

Este trabalho acadêmico tem como proposta relatar a história da moda, com foco na mudança corporal feminina causada pelo espartilho e pelos sapatos de lótus. Tal relato será produzido através de um livro-reportagem-história, e nele estarão contidas histórias reais dos períodos e trajes, curiosidades, ilustrações e a relação entre o passado e o presente. Por meio de pesquisas exploratórias serão analisados livros, artigos, filmes, imagens, documentários e reportagens, com a finalidade de elucidar toda informação necessária para o entendimento de um tema tão pouco encontrado no Brasil. Por se tratar de material de difícil acesso, até mesmo online, o assunto abordado neste trabalho busca ajudar principalmente estudantes de moda, no estudo de peças muito usadas ao longo dos séculos, porém pouco estudadas como papel principal. O projeto tem como proposta esclarecer dúvidas e curiosidades relacionadas aos usos do espartilho, que tanto modificou a cintura das mulheres ao longo dos séculos, assim como toda a história e mitos relacionados aos sapatos de lótus na China.

Palavras-chave: espartilho; sapatos de lótus; mulheres.

ABSTRACT

This academic paper aims to report the history of fashion, focusing on the female body change caused by the corset and the foot binding. The report will be produced in a book form, which will contain real histories of the periods and garments, curiosities and illustrations, besides relating present and past. The exploratory researches will be made with books, articles, movies, images, documentaries and news report, with the purpose of elucidate all the necessary information that helps in understanding this theme that is not easily found in Brazil. For being a material of difficult access, even online, the subject treated in this work pursuit help mostly fashion students, in the study of pieces of clothing very used over the centuries, yet unexplored as a main role. The project has as a proposal clarify doubts and curiosities about the uses of the corset, that has modified the waist of the women over the centuries, as well as the history and myths related to lotus shoes in China.

Keywords: corset; lotus shoes; women.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Effetsmerveilleuxdes lacets</i>	18
Figura 2 – Mulher usando espartilho.....	19
Figura 3 – Meninas com pés de lótus.....	21
Figura 4 – Sapatos de lótus.....	22
Figura 5 – Pequim, 1901.....	27
Figura 6 – Exemplo das ilustrações do espartilho.....	33
Figura 7 – Exemplo das ilustrações dos sapatos de lótus.....	34
Figura 8 – Capa, contracapa e orelhas finalizadas.....	37
Figura 9 – Teste de cores para capa e fontes realizado na Editora Tachion....	37
Figura 10 – Painel de público alvo.....	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PROBLEMA	14
3 OBJETIVO GERAL	16
3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	16
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
4.1 EUROPA: A SOCIEDADE E A MULHER	17
4.1.1 As Grandes Instituições.....	17
4.2 O ESPARTILHO	18
4.3 A HERANÇA DO ESPARTILHO	19
4.4 CHINA: A SOCIEDADE E A MULHER	20
4.5 OS SAPATOS DE LÓTUS	22
4.6 A HERANÇA DOS SAPATOS DE LÓTUS	23
4.7 A SUBMISSÃO DA MULHER AO HOMEM	24
5 METODOLOGIA DE PESQUISA TEÓRICA	28
5.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	28
5.2 PESQUISA DOCUMENTAL	28
5.3 MATERIAS CONSULTADOS	29
6 METODOLOGIA DE DESENVOLVIMENTO DO MATERIAL	30
7 ETAPAS DE TRABALHO DETALHADAS	31
7.1 CONCEPÇÃO (PRÉ-PRODUÇÃO)	31
7.2 EXECUÇÃO (PRODUÇÃO)	31
7.2.1 Conteúdo.....	31
7.2.2 Projeção de Capítulos.....	31
7.2.3 Ilustrações.....	32
7.2.4 Nome.....	34
7.2.5 Texto e Estrutura.....	34
7.3 LIVRO FÍSICO	35
7.4 VIABILIDADE	36
7.5 FINALIZAÇÃO (PÓS-PRODUÇÃO)	36
8 PRODUTO	38
9 HISTÓRICO DO PRODUTO	40

9.1 TÍTULOS EM INGLÊS E OUTRAS LÍNGUAS.....	40
9.2 TÍTULOS SOBRE OS PÉS DE LÓTUS EM INGLÊS.....	41
9.3 ESPARTILHOS E SAPATOS DE LÓTUS.....	41
10 JUSTIFICATIVA DE PÚBLICO ALVO.....	42
11 JUSTIFICATIVA DE ESCOLHA DO VEÍCULO.....	43
12 PAINEL CONCEITUAL DE PÚBLICO ALVO.....	44
13 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
14 GLOSSÁRIO.....	47
BIBLIOGRAFIA.....	48
APÊNDICE A	50

1 INTRODUÇÃO

Durante um longo período a mulher foi refém de peças do vestuário, que modificam ou machucam o corpo e são usadas apenas com finalidade estética, sem nenhum conforto.

Tendo como base a história da indumentária, mais precisamente o espartilho, os sapatos de lótus e a mulher, este livro escrito para o Trabalho de Conclusão de Curso será dividido em três partes: Ocidente, Oriente e Submissão da Mulher ao Homem. Assim, em cada parte, será possível focar em uma peça e toda a sua história, para, no final, relacionar o seu uso à relação da mulher com o homem, sua submissão e limitações causadas por todos estes processos.

Para melhor entender a história através da indumentária o projeto busca respostas para os seguintes questionamentos: Quais os motivos que levaram ao surgimento de tais peças da indumentária que tanto agredem o corpo feminino? Por que estas peças foram usadas por tanto tempo?

Este assunto se mostra relevante para publicação em forma de livro, além de ser um tema atual, mesmo se tratando de história. Acredita-se que por unir elementos de temas raramente encontrados em livros no Brasil, este projeto venha a suprir a necessidade de um material específico sobre o assunto proposto. Por meio de pesquisas e questionários, estas afirmativas foram comprovadas.

A metodologia de pesquisa será majoritariamente bibliográfica, com o armazenamento das informações em forma de fichamento, além de pesquisa documental, que abrange filmes, séries, imagens, ilustrações, propagandas, entre outros.

A modalidade utilizada para a realização deste projeto será o livro-reportagem, pois busca se aprofundar em fatos verídicos que ocorreram em um determinado período. Esta escolha foi feita devido à necessidade de maior detalhamento sobre um assunto específico e pouco encontrado em livros, e a possibilidade de narrar com maior detalhamento o tema escolhido.

Este projeto será iniciado pelo espartilho, uma peça da indumentária ocidental que existe desde o século XVI e esteve presente no dia-a-dia da mulher europeia por muito tempo. Esta peça está ligada à busca por padrões de beleza, mas está também ligada diretamente à submissão ao homem.

O espartilho foi fundamental para que as moças ficassem reclusas em suas casas, e o motivo para isso foi a fadiga, falta de ar, dificuldade de movimentos e a movimentação dos órgãos que seu uso contínuo provocava. Deste modo, aos poucos a mulher foi impossibilitada de realizar muitos trabalhos, pois mesmo se ela quisesse, o espartilho não permitiria tantos movimentos.

Em seguida, na segunda parte, serão analisados os sapatos de lótus, peças da indumentária oriental usadas na China durante muito tempo desde o século X, em que crianças a partir dos cinco anos eram submetidas à dor intensa de ter seus pés quebrados. Estes calçados eram tão pequenos que alguns chegavam a medir 7,5 centímetros. Por este motivo as meninas, desde crianças, tinham seus pés quebrados pelas próprias mães e enfaixados para que não crescessem e coubessem nos sapatinhos.

O uso destes dois elementos está ligado ao fetichismo, à sociedade patriarcal e aos padrões de beleza impostos por ela. Com isto em mente, este livro terá como foco a história destas peças e o estudo de todos estes fatores que contribuíram para o uso de itens do vestuário tão limitadores à mulher.

A identidade visual do produto final, junto com as etapas precedentes e todas as suas características serão apresentadas e justificadas no presente documento, seguido das considerações finais e resultados do trabalho.

2 PROBLEMA

O corpo da mulher vem sofrendo alterações físicas ao longo dos séculos, e o principal motivo para isto é a busca pelos padrões de beleza impostos pela sociedade em que ela se insere. Duas das maiores peças da moda que causaram danos ao corpo feminino foram o espartilho e os sapatos de lótus.

O espartilho mudou drasticamente o corpo das mulheres ocidentais desde o século XVI. Seu uso causava falta de ar e fadiga, além da movimentação dos órgãos internos, o que as limitava na locomoção e no bem-estar, como pontua Morris:

Entre as doenças relacionadas estavam dores de cabeça, desmaios, hérnia, mau funcionamento do fígado, aborto, dificuldades respiratórias e problemas circulatórios. Alguns chegavam a ponto de incluir deformidades ósseas, câncer, insuficiência renal, malformações fetais, epilepsia e esterilidade. Um autor vitoriano listou nada menos que 97 doenças que, segundo ele, podiam ser causadas pelo uso de corpetes apertados. (MORRIS, 2005, p. 156).

Para estudar a modificação corporal da mulher oriental, mais especificamente chinesa, utilizaremos os sapatos de lótus como objetos de estudo. O maior motivo para o uso deste calçado foi a submissão ao homem, que tinha como fetiche mulheres com pés pequenos, que foi explorado por Ping:

Uma beldade com pés pequenos parece ser restrita (os pés, uma vez amarrados, se tornam tabu para o olhar masculino e seu toque) e celestial, longe da sujeira, decadência, e qualidade excremental da sexualidade. Ela provoca mais desejos eróticos por prometer um aspecto de animal misterioso e transformando seu corpo em tabu, proibição. (PING, 2000, p. 13, tradução nossa).¹

A peça não modificaria os pés em si, mas para usá-los era necessário quebrá-los e amarrá-los com faixas, para que coubessem.

Os livros e reportagens que buscam falar sobre as peças que mais causaram danos no corpo feminino usualmente falam de modo supérfluo ou do

¹A tinyfooted beauty appears to be restricted (as well as restricting: the feet, once bound, become taboo for the male gaze and touch) and celestial, away from the muddy, decaying, and excremental quality of sexuality. Yet she provokes more erotic desires by promising a mysterious animal aspect and turning her body into prohibition, taboo. (PING, 2000, p. 13).

ponto de vista sociológico, não da indumentária, como será o caso deste projeto. Assim, existe uma carência de material acerca do tema até mesmo para curiosidade, como a autora Daniela Calanca resume a seguir:

A desvalorização desse tipo de estudo pode ser compreendida dentro de um âmbito historiográfico mais amplo, que vê, de um lado, alguns historiadores definirem a história social como uma “nova história” e, do outro, como uma “história fraca”. (CALANCA, 2008, p. 37).

Para melhor entender a história através da indumentária o projeto busca respostas para os seguintes questionamentos: Quais os motivos que levaram ao surgimento de tais peças da indumentária que tanto agridem o corpo feminino? Por que estas peças foram usadas por tanto tempo?

3 OBJETIVO GERAL

Produzir um livro-reportagem-história sobre a origem e disseminação de duas das peças da indumentária que mais foram agressivas com o corpo da mulher ao longo da história: o espartilho e os sapatos de lótus, no Ocidente e no Oriente, respectivamente.

3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para que o livro seja concluído, alguns objetivos específicos foram traçados. São eles:

- Relatar a história de duas peças agressivas da indumentária desde o início até o ápice e queda, e a mudança do corpo feminino causado por elas.
- Examinar o contexto histórico para entender os motivos que levaram a tais usos.
- Relacionar o uso de cada uma destas peças à submissão da mulher ao homem.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 EUROPA: A SOCIEDADE E A MULHER

Neste capítulo foi introduzido o ambiente em que o espartilho se desenvolveu e como a sociedade chegou, ao longo da história, no momento pertinente ao desenvolvimento do livro, a base hierárquica, assim como os pilares da sociedade.

Como o objeto de pesquisa se refere a peças femininas e que, por vezes, foram utilizadas de forma errada e muitas vezes imprópria, será apresentada juntamente as mulheres que usavam tal objeto.

4.1.1 As grandes Instituições

Para se certificar de que o leitor compreenda os períodos, serão narradas as relações e as grandes instituições que mantinham a influência na moda, e conseqüentemente nos espartilhos. O autor de *Le Corset À Travers les Âges*, Ernest Leoty, cita, por exemplo, sermões de pastores contra o reinado e a corte, reclamando dos exageros presentes nas vestimentas femininas (na época da *basquine*, que antecedeu o espartilho), pregando que as mulheres que vestiam tais peças possuíam o diabo no corpo.

Fora a religião, outro fator importante a citar é a relação homem-mulher da época, que sem dúvida foi uma das maiores causas do espartilho não só ter tido sucesso por tanto tempo, mas dos exageros que certas damas da sociedade se submetiam por acreditar que seu dever era conseguir a perfeição da forma feminina, relatado por Morris:

Calcula-se que, depois de vários partos, a cintura da mulher aumente de 15 a 20 cm em média. Por isso, a cinturinha fina tem sido há séculos símbolo de virgindade – de uma mulher que já está preparada para o sexo mas ainda não o experimentou. Essa condição exerce tal atração sobre o macho reprodutor da espécie que muitas mulheres, mesmo aquelas que já não a possuem, anseiam recuperá-la, mesmo que de uma maneira simbólica. (MORRIS, 2005, p. 155-156).

Será discutido também as pessoas que eram contra o uso de tal peça não por seus gastos exorbitantes ou motivos religiosos, mas pela saúde da

mulher. A organização *Rational Dress Society*, fundada em 1881 em Londres, tinha entre seus propósitos protestar contra diversas peças que limitavam o movimento e deformasse a figura da mulher, pontuado no livro “A Mulher Nua”, de Desmond Morris:

Um ataque completamente diferente veio das liberadas dos tempos modernos. Para elas, a ideia de usar qualquer roupa apertada era um insulto à liberdade feminina. A limitação física não era apenas prejudicial ao corpo, mas também símbolo de uma prisão mental em relação ao macho. O espartilho apertado seria um instrumento de tortura imposto às mulheres submissas como parte da opressão masculina. (MORRIS, 2005, p. 157).

Imagem 1 – Effets merveilleux des lacets



Fonte: The Conversation (2015)

4.2 O ESPARTILHO

Neste capítulo, será introduzido o primeiro objeto de estudo: o espartilho. Nele, serão apresentadas as primeiras peças do vestuário, partindo da antiguidade, que enfim deram origem ao espartilho e, então, aos diferentes nomes e suas modificações.

Serão apresentadas, juntamente, as principais vestimentas que compunham o guarda-roupa da mulher, que se mostraram necessárias ao decorrer desta pesquisa, para localizar os leitores nos diferentes períodos que serão tratados.

Durante a pesquisa, foi possível igualmente achar casos de homens que se vestiam com espartilhos. Obviamente o número não se equipara ao das mulheres que viveram por séculos com a peça, mas foi discutida a pertinência do fenômeno para o projeto e, por isso, serão apresentados brevemente os diferentes usos da peça no guarda-roupa masculino.

Imagem 2 – Mulher usando espartilho



Fonte: Wikimedia Commons (2005)

4.3A HERANÇA DO ESPARTILHO

No decorrer deste capítulo, será explorado como o espartilho é visto e usado nos dias atuais. Longe de ser uma peça fundamental no guarda-roupa da mulher contemporânea, ela se tornou um dos principais itens fetichistas, explorados nas principais marcas de lingerie do mundo:

Para alguns homens, esse aprisionamento dentro do espartilho funcionava como um apelo fetichista. A atração do corpete não estava apenas na silhueta que ele criava, mas também no conhecimento tácito de que a mulher admirada estava sofrendo uma tortura física para agradar a seu admirador. Por isso, é fácil entender por que os corpetes se tornaram um elemento da encenação sadomasoquista. (MORRIS, 2005, p. 158).

Eles se tornaram parte do imaginário masculino quando se trata de roupas sensuais femininas, e por isso sempre retornam às passarelas dos estilistas mais importantes.

4.4 CHINA: A SOCIEDADE E A MULHER

Na segunda parte do livro, com foco no Oriente, especificamente na China, o assunto abordado será a sociedade e a mulher que vivenciaram a prática dos pés de lótus: uma prática extremamente violenta e tão antiga quanto. “Na China, o costume de amarrar os pés das jovens começou no século X e durou mais de mil anos. Surpreendentemente, mesmo sendo um costume bárbaro, só foi proibido no início do século XX”. (MORRIS, 2005, p. 233).

Será discutida a forma como a sociedade tratava as mulheres, e como a perspectiva de vida da mesma era tão limitada que, antes de se casarem, mesmo ainda como crianças, tudo o que uma família fazia era para garantir um bom casamento para sua filha.

A pessoa fundamental para que todo o processo desse certo era apenas uma: a mãe. Na época, a dor e o amor eram um só, e uma mãe que amava sua filha a fazia passar pela pior dor que uma menina poderia sofrer: a quebra dos ossos dos dedos do pé e calcanhar, e seu enfaixamento tão apertado que fazia com que, periodicamente, os tamanhos dos sapatos usados diminuíssem também, como resume este trecho da autora Wang Ping:

Meninas eram iniciadas na amarração entre cinco e sete anos, onde seus ossos ainda eram flexíveis, seu *qi* (força da vida primária) começando a florescer em seus corpos, e suas mentes maduras o bastante (*dongshi*) para entender a importância dessa disciplina corporal e passar por um longo período de dor intensa. O trauma mudava radicalmente seu senso do corpo no espaço e seu senso de ser em geral. Tendo que reaprender como colocar seu pé reduzido no chão e reaprender como andar

por um longo período de dor intensa, a garota era forçada a uma maturação rápida – física, mental e social. Ironicamente, era seu pé reduzido que a ajudava a achar seu lugar em um mundo dominado por homens. (PING, 2000, p. 6, tradução nossa).²

O que tornou os pés de lótus aceitável foram duas coisas: a sociedade patriarcal que permitia e encorajava a mutilação das meninas a partir dos cinco anos, em nome do que consideravam beleza, e a ideia de ascensão social que fazia parte da vida das mulheres, pois não importava a origem ou a educação em que a menina vivia, tudo o que era necessário para garantir uma boa vida era ter os chamados lótus de ouro: pés que não passavam de três polegadas e meia.

Imagem 3 – Meninas com pés de lótus



Fonte: Catfly (2017)

²Little girls were initiated into the binding between the ages of five and seven, when their bones were still flexible, their qi (primary life force) started flourishing on the bodies, and their minds mature enough (dongshi) to understand the importance of this bodily discipline to undergo a long period of intense physical pain. The trauma radically changed her sense of the body on space and her sense of being in general. By having to relearn how to place her reduced feet on the ground and relearn how to walk through a long period of intense pain, the little girl was forced into a speedy maturation – physically, mentally, and socially. Ironically, it was her reduced feet that helped her to find a foothold in a male-dominated world. (PING, 2000, p. 6)

4.5 OS SAPATOS DE LÓTUS

Os sapatos de lótus serão estudados em conjunto com os pés que foram deformados para caberem no mesmo. Será narrado o procedimento feito por séculos para que o pé natural de uma garota ficasse com o aspecto desejado, bem como alguns detalhes sobre os sapatos.

Quando esta prática se disseminou completamente, a ideia de um pé natural para as mulheres era vergonhosa e queria dizer que ela seria uma camponesa, digna apenas de trabalhos manuais.

Quando atingiam a idade adulta, essas meninas estavam aleijadas para sempre, incapazes de caminhar normalmente e limitadas a umas poucas atividades físicas que conseguiam realizar. Essa era a vantagem social da deformidade. As esposas eram literalmente incapazes de se afastar do marido, mas ofereciam uma permanente demonstração de status, já que não podiam fazer nenhum trabalho manual. Só com a modernização da China no século XX e o fim da sociedade dos mandarins essa forma de mutilação foi abolida. (MORRIS, 2005, p. 233).

Os sapatos de lótus eram um objeto tão proibido para todos quanto o próprio pé: tocar em um par sem permissão era um ato que causava vergonha e humilhação à sua dona.

Imagem 4 – Sapatos de lótus



Fonte: The StateHeritageMuseum (2016)

Como esta prática fez parte de uma cultura totalmente reclusa por muito tempo, foi constatado na pesquisa que muitos dos detalhes a respeito dos sapatos são de difícil acesso em materiais documentais ou bibliográficos, mas toda informação pertinente que foi possível achar dentro do tempo estabelecido fará parte do livro. O’Keeffe pontua que:

Apesar da sua aparência disforme, os pés de lótus eram considerados a parte mais erótica do corpo de uma mulher e os delicados sapatos ou botinas que os cobriam não eram menos deleitáveis aos olhos. Os maridos chineses sentiam um desejo respeitoso pelos minúsculos sapatos de lótus das suas esposas e apresentavam-nos por vezes num pequeno prato (que não conseguiam encher) para exibir o seu minúsculo tamanho. Uma mulher possuía normalmente várias centenas de pares destes sapatos, que variavam segundo a região e a moda, e passavam longas horas bordando-os com símbolos de fertilidade, longevidade, harmonia e união. Os sapatos usados na noite de núpcias apresentavam frequentemente explícitas cenas eróticas que serviam de instrução à virgem noiva. (O’KEEFFE, 2008, p. 406).

4.6A HERANÇA DOS SAPATOS DE LÓTUS

Na finalização da segunda parte do livro, será discutido como os sapatos de lótus são vistos hoje na China e no resto do mundo. Após 1949, quando a prática foi oficialmente proibida, o assunto e procedimento feito para calçar os sapatos se tornaram uma vergonha nacional, fato resumidamente narrado no título de O’Keeffe:

A técnica de enfaixar os pés decaiu em 1912, quando a China se tornou uma república, e tinha já praticamente desaparecido na maioria das províncias quando Mao o proibiu oficialmente em 1949. Praticado abertamente durante um milhar de anos, este ritual é hoje em dia considerado vergonhoso, tendo os sapatos de Lótus passado à condição de relíquias colecionáveis de um costume que os chineses querem esquecer a todo custo. (O’KEEFFE, 2008, p. 407).

Nos dias atuais, mesmo para as últimas mulheres e seus maridos que vivem com os pés de lótus na China, falar sobre isso é um assunto não só delicado, mas que continua sendo um tabu para a maioria das pessoas, o que é um fator importante para entender porque é tão difícil estudar e pesquisar

detalhes das práticas que durante um milênio foram tudo o que muitas mulheres conheciam como qualidade de vida, como mostra o trecho a seguir:

Após finalmente desaparecer através da propaganda nacional lançada pelos intelectuais chineses e organizações missionárias ocidentais, e através de força bruta e punições sobre o corpo feminino, a amarração dos pés era raramente falada ou escrita porque se tornou um símbolo de vergonha nacional. (PING, 2000, p.xi, tradução nossa).³

Foram encontrados títulos com relatos das missões ocorridas na China que fizeram parte dos anos de abolição da prática de amarrações, onde se mostraram muito pertinentes para o encerramento do assunto tratado.

Será possível entender os principais meios usados para que o discurso da “prática desumana” fosse ouvido pela população chinesa, como foram implantadas as mudanças no país e os principais nomes que fizeram parte deste período no país.

4.7A SUBMISSÃO DA MULHER AO HOMEM

Tão importante quanto conhecer o ambiente estudado, é conhecer como era a sociedade que antecedeu a mesma. Estudos antropológicos apresentam que a relação homem-mulher nem sempre existiu como uma submissão aos prazeres e intelecto masculino. No tempo das cavernas, por exemplo, em que os humanos eram nômades, homens e mulheres coexistiam em igualdade do ser. Isso não quer dizer que tinham as mesmas funções: homens caçavam e protegiam suas parceiras, enquanto mulheres cuidavam da harmonia e organização de suas tribos, assim como cuidavam da coleta de alimentos. Morris apresenta como isso se alterou:

Esse equilíbrio se perdeu quando a população humana cresceu, vilas e cidades foram construídas e os habitantes e as tribos se tornaram cidadãos. Ocupando o centro das sociedades humanas, a religião desempenhou um papel fundamental nesse processo. Em tempos antigos, a grande deidade era sempre

³After it finally faded out through the national propaganda launched by Chinese intellectuals and Western missionary organizations, and through brutal force and punishments upon the female body, footbinding was rarely talked or written about because it became a symbol of national shame. (PING, 2000, p.xi)

uma mulher, mas, quando a urbanização se espalhou, a Grande Deusa passou por uma desastrosa mudança de sexo e se transformou num autoritário Deus Pai. Ao longo das eras, com um Deus vingativo dando-lhes apoio, homens rudes passaram a garantir sua segurança e sua condição social superior às custas das mulheres, que foram empurradas para uma condição social inferior que nada tinha a ver com sua herança evolutiva. Foi essa origem que as sufragistas e, mais tarde, as feministas quiseram recuperar. (MORRIS, 2005, p. 8-9).

Após o esclarecimento da mutação do papel da mulher ao longo das eras, a Antiguidade apresenta os primeiros sinais da tentativa de alterar a cintura para fins estéticos. Muito antes dos espartilhos, nas sociedades romanas e gregas, mulheres já marcavam suas cinturas e sustentavam ou tentavam impedir o desenvolvimento de seus seios com cintas e faixas. O autor Ernest Leoty destaca:

Os gregos e romanos, amantes do belo por excelência, eram os grandes admiradores da perfeição corporal; assim, as mulheres gregas e romanas reconheciam a necessidade de usar tiras e cintos para dar suporte ao peito e manter o tamanho. Os escritos que restaram da época não deixam dúvida sobre esse assunto. As tiras e cintos eram, à origem dos séculos, de uma simplicidade extrema. (LEOTY, 1893, p. 1-2, tradução nossa).⁴

Apesar das diversas variações de nomes das faixas e cintos, todos tinham o mesmo intuito: marcar e afinar a cintura da mulher, que se torna mais 'feminina'. Esse conceito prevaleceu ao longo da história e até hoje é um dos mais importantes sinais de feminilidade dos nossos tempos. Algumas dessas peças anciãs serão apresentadas até a sua evolução para os primeiros espartilhos.

Na terceira e última parte do livro será abordado que, após se ter uma ampla visão da sociedade, mulher e indumentária, as mudanças corporais, tanto no Ocidente como no Oriente, foram aceitáveis em suas respectivas épocas de domínio porque subjugavam a mulher em seu verdadeiro papel. Este papel deveria ser exercido de acordo com os mais diversos motivos, como

⁴Les Grecs et les Romains, ces amateurs du beau par excellence, étaient de grands admirateurs de la perfection corporelle; aussi les femmes grecques et romaines reconnaissaient-elles la nécessité d'employer des bandelettes et des ceintures pour soutenir la poitrine et maintenir la taille; les écrits qui sont parvenus jusqu'à nous ne laissent aucune doute sur ce sujet. Ces bandelettes ou ceintures étaient, à l'origine de siècles, d'une simplicité extrême. (LEOTY, 1893, p. 1-2)

na religião e o tradicionalismo, que sempre eram usados pela sociedade como ordem natural de todas as coisas.

Primeiro, alegavam que o uso de um espartilho apertado mostrava disciplina e representava simbolicamente uma louvável contenção. Em segundo lugar, diziam que o espartilho era sinal de respeitabilidade e altos princípios morais, porque ajudava a tornar a mulher inacessível. Ele seria uma armadura contra a atenção masculina. A cintura fina podia excitar os olhos dos homens, mas o corpete apertado por um complexo entrelaçamento de cordões deixava o corpo desnudo muito mais distante. (MORRIS, 2005, p. 157-158).

Estudar sobre o espartilho é começar a compreender que a mulher daquela época usava seu guarda-roupa, primeiramente, para conseguir um bom casamento e, depois, para exibir o poder de seu marido. Desta forma, coloca-se o homem sempre como provedor e, conseqüentemente, o sexo que corresponde à seriedade e importância de uma nação, que Morris enfatiza:

Dentro de um espartilho, a mulher também dava a impressão de estar vulnerável (apesar da barbatana) como um animal preso numa armadilha. O corpo enjaulado restringia sua capacidade de fugir a alta velocidade. Era inevitável que isso atraísse o macho, que inconscientemente vivia a fantasia de que seria fácil capturá-la se decidisse persegui-la. (MORRIS, 2005, p. 158).

Quanto aos sapatos de lótus, uma menina que não conseguisse os pés do tamanho certo se tornava motivo de chacota, uma vergonha para a família, além da garantia de que nunca conseguiria um bom marido aos olhos dos cidadãos que ali viviam.

Violência faz do pé sagrado. Descobertos, eles viram tabu para os homens. Mulheres os guardam como se guardando suas vidas. Também as dá o poder para curas e maldições. Todas as lágrimas e pus, toda a decadência e ossos quebrados são escondidos sob o adorno elaborado dos sapatos, que nunca eram tirados, nem na cama. A violência é sentida em todos os lugares: o odor de carne morta infiltrando através das bandagens, os pequenos pés que mal sustentavam o corpo. É a proibição, o mistério, e os traços de violência que acendem o desejo masculino, um desejo derivado do medo, pena e temor. (PING, 2000, p. 4, tradução nossa).⁵

⁵Violence renders the feet sacred. Naked, they become taboo for men. Women guard them as if guarding their lives. It also gives them the power for healing and cursing. All the tears and pus, all the decay and broken bones are hidden under the elaborate adornment of the shoes, which are never taken off, not even in bed. Yet violence is traceable everywhere: the odor of dead flesh seeping through the bandages, the tiny appendages that barely support the frail body. It is

É possível dizer que o homem e as sociedades patriarcais, sobrepondo-se a todas as outras características em conjunto, foram de fundamental importância para o direcionamento do que era considerado beleza e feminilidade, o que influenciou as peças estudadas no projeto, assim como a queda do uso, no caso dos sapatos de lótus.

Imagem 5 – Pequim, 1901



Fonte: Ifeng (2010)

the prohibition, the mystery, and the traces of violence that stir up men's desire, a desire derived from fear, pity, and awe. (PING, 2000, p. 4).

5 METODOLOGIA DE PESQUISA TEÓRICA

O principal procedimento utilizado foi a pesquisa bibliográfica, por se tratar de um relato histórico da moda.

5.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

O principal método de pesquisa será o bibliográfico, que se define pelo desenvolvimento que parte de um material já existente. “A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados senão com base em dados secundários” (GIL, 2011, p. 50).

Para o armazenamento de informações importantes, durante as pesquisas estão sendo feitas fichas bibliográficas que, segundo Gil, “é utilizada para anotar as referências bibliográficas, bem como para apresentar um sumário e a apreciação crítica de uma obra” (GIL, 2011, p. 75).

Foram consultados livros específicos sobre os temas e livros da sociedade em questão. Os títulos foram escolhidos principalmente pelo olhar mais detalhado para com a mulher, tema menos especificado em livros históricos.

5.2 PESQUISA DOCUMENTAL

A pesquisa documental, que se difere da pesquisa bibliográfica apenas nas fontes, também foi amplamente explorada. Foram utilizados filmes, documentos, fotografias e etc., explorados principalmente pela riqueza de detalhes da indumentária de épocas específicas que trazem um maior entendimento visual sobre o tema.

5.3 MATERIAIS CONSULTADOS:

- Documentários e reportagens sobre a vida cotidiana a partir do século XV, a vida da nobreza, a vida das mulheres e suas vestimentas;
- Reportagens das últimas mulheres chinesas que possuem os pés de lótus;
- Anúncios publicitários de vendas dos espartilhos, datando a partir do século XVII;
- Ilustrações satíricas da obsessão da mulher pela cintura perfeita;
- Ilustrações da vida chinesa e dos sapatos de lótus;
- Filmes que retratam diversas épocas sob a influência do espartilho, como:
 - “Maria Antonieta”, de Sofia Coppola;
 - “A Outra”, de JuntinChadwick;
 - “Adeus, Minha Rainha”, de Benoît;
 - “Ligações Perigosas”, de Stephen Frears;
 - “Elisabeth”, de ShekharKapur.

6 METODOLOGIA DE DESENVOLVIMENTO DO MATERIAL

O livro foi desenvolvido seguindo o cronograma estabelecido no início do projeto, utilizando os materiais citados anteriormente.

O principal método para o armazenamento das informações pertinentes tanto nos livros quanto em fontes imagéticas foi o de fichamento, que foram separados para maior facilidade de acesso por assuntos.

As imagens foram feitas após a escrita, e todo o processo detalhado será mostrado a seguir.

7 ETAPAS DE TRABALHO DETALHADAS

7.1 CONCEPÇÃO (PRÉ-PRODUÇÃO)

O planejamento do livro se iniciou como uma ideia para reunir informações sobre a história de indumentárias pouco encontradas e de grande importância para o campo. Foi feita uma seleção de livros, artigos e documentos pertinentes de alguma forma para o embasamento e produção do projeto, além de filmes e documentários, visto que a pesquisa visual é de grande valia para a concepção de um projeto de moda.

7.2 EXECUÇÃO (PRODUÇÃO)

7.2.1 Conteúdo

Para a escrita dos capítulos cujos títulos serão expostos a seguir, foi respeitada a data limite que se encontra no final deste documento, no cronograma. Os capítulos foram divididos entre as duas estudantes e depois trocados para que ambas pudessem adicionar informações importantes que considerassem pertinentes ao tema, portanto, todos os capítulos foram escritos pelas duas alunas.

7.2.2 Projeção de Capítulos

PARTE I - OCIDENTE

CAPÍTULO 1 - A Sociedade e a Mulher

CAPÍTULO 2 - Europa: O Espartilho

CAPÍTULO 3 – A Herança do Espartilho

PARTE II - ORIENTE

CAPÍTULO 4 - A Sociedade e a Mulher

CAPÍTULO 5 - China: Os Sapatos de Lótus

CAPÍTULO 6 – A Herança dos Sapatos de Lótus

PARTE III – OCIDENTE E ORIENTE

CAPÍTULO 7 – Submissão da Mulher ao Homem

A seleção do material bibliográfico varia entre títulos de moda e de história, e apesar de ter sido durante o período de execução a maior fonte de pesquisa, os filmes retratando os períodos pertinentes e, principalmente, as imagens como charges, ilustrações, propagandas e sátiras ajudaram a entender como cada prática era vista e vivenciada nas respectivas culturas.

7.2.3 Ilustrações

Foi ponderado que o conteúdo imagético do livro seria composto apenas por ilustrações próprias e não utilizaria fotos ou imagens de terceiros, para dar maior autonomia e autenticidade ao projeto.

As ilustrações foram produzidas analisando o conteúdo completo do livro, sendo avaliadas as principais peças que precisavam de uma visualização para melhor entendimento do leitor.

Foi decidido que todas seriam apenas na cor preta, para manter o foco histórico e clássico das principais ilustrações de séculos passados, além de interagir melhor com o conteúdo bibliográfico.

As fotos das autoras na contracapa que precedem a minibiografia também foram ilustrações que seguiram os traços dos demais desenhos do projeto.

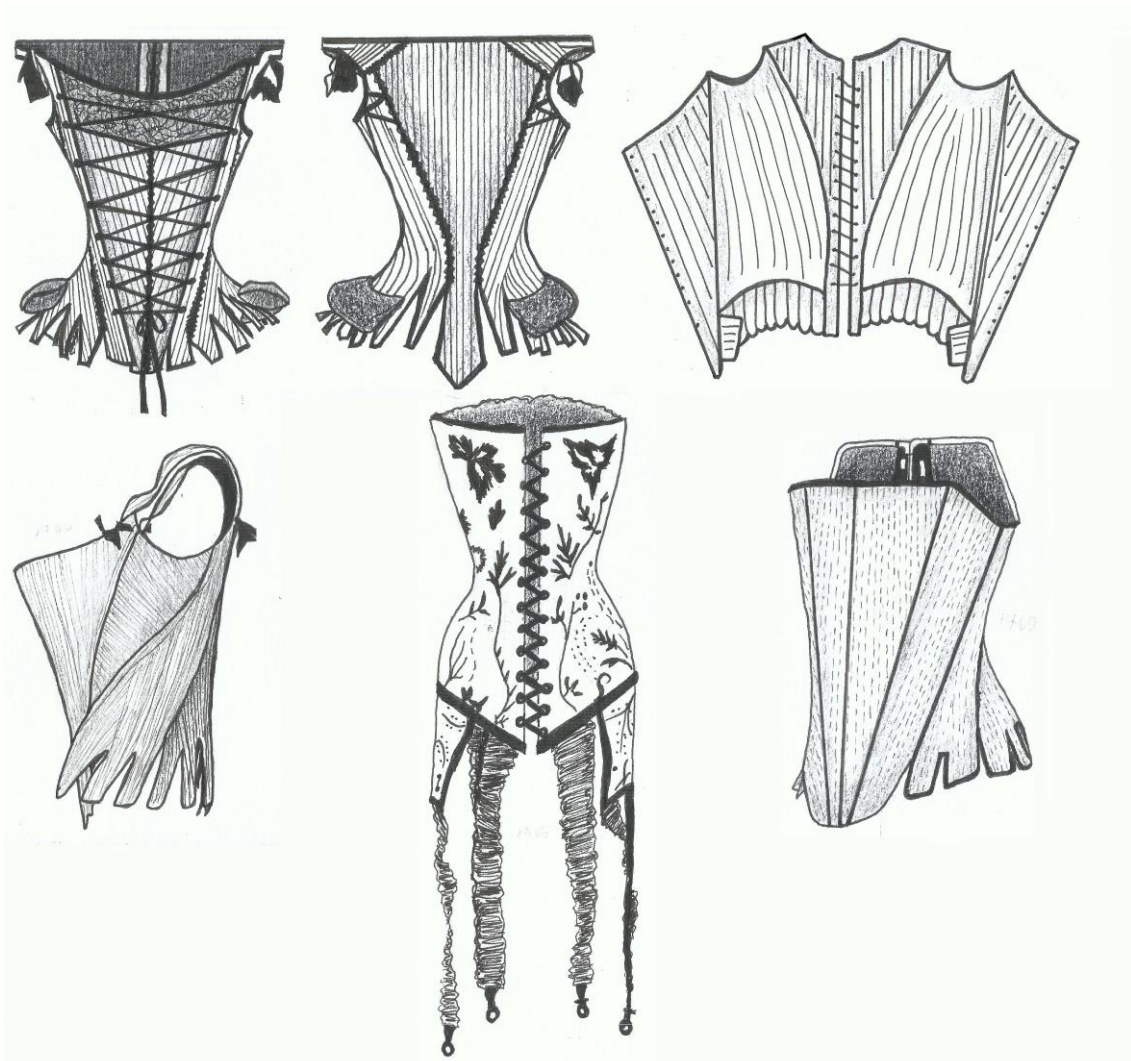
Para a produção das imagens, o material utilizado consistiu em:

01 bloco de papel Canson branco com vinte folhas, 224 g/m², linha universitária.

01 Lápis Pastel Negro Gioconda – Koo-I-Noor

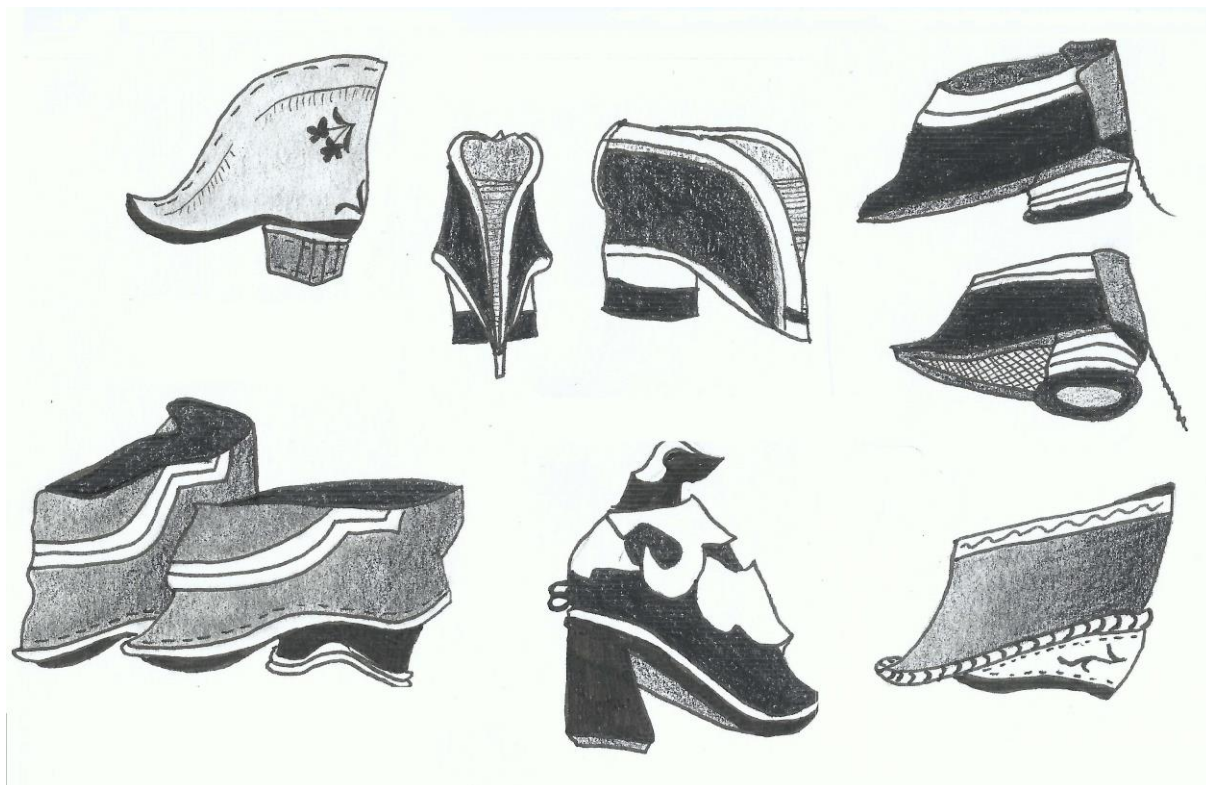
03 canetas Nankin Uni-Pin pretas, com pontas 0,02, 0,3 e 0,8.

Imagem 6 – Exemplo das ilustrações do espartilho



Fonte: Marina Rezende (2018)

Imagem 7 – Exemplo das ilustrações dos sapatos de lótus



Fonte: Marina Rezende (2018)

7.2.4 Nome

O nome “Espartilhos e sapatos de Lótus: a história das peças que modificaram o corpo feminino” foi escolhido por ser objetivo e resumir perfeitamente sobre o que o conteúdo do livro trata.

7.2.5 Texto e estrutura

O texto foi escrito para fácil entendimento dos leitores, e as partes específicas sobre indumentária foram estruturadas da forma mais objetiva e clara possível. Curiosidades sobre os temas tratados foram espalhados em seu conteúdo.

7.3 LIVRO FÍSICO

Durante os primeiros três meses do segundo semestre, foram discutidos com a orientadora, a editora escolhida e professores consultados de design gráfico como seria o design, papel, tamanho, cores de capa, contracapa e demais detalhes, que serão expostos a seguir, seguidos do esclarecimento dos motivos de cada item.

Editora: Tachion Editora e Gráfica Ltda.

Especificações do Livro: Livro c/ Lombada Quadrada Miolo P/B

Medidas: 14,8 x 21cm fechado;

Corte Reto, Laminação, Vinco Reto; BOPP Fosca (Frente);

Capa em Supremo 250g/m² com 4 x 0 cores;

Miolo Fechado em Polen Soft 80g/m² com 1 x 1 cores;

Cores: Magenta, amarelo, rosa claro e variações de cinza.

Fonte do texto: Garamond

Fonte da capa: Derivia

O papel foi escolhido por se adequar aos requisitos do projeto, pois facilita a leitura e se adequa também às ilustrações, não sendo necessária a mudança de material dentro do livro.

O tamanho do livro é A5, um dos mais comuns em padronização de títulos bibliográficos.

As cores da capa, onde a principal é a magenta, foram escolhidas para contrastar com seu conteúdo, inteiramente em tinta preta, em uma tentativa de chamar a atenção para um conteúdo histórico e, ao mesmo tempo, muito atual.

A imagem da Rainha Elisabeth I em variações de cinza e rosa, contrastando com o fundo em cor viva, foi selecionada para a capa, levando em conta sua importância para a história do espartilho, visto que o período de seu reinado foi o mais rígido para as mulheres.

Na contracapa, um modelo raro de botas para pés atrofiados foi escolhido, nos mesmos tons de cinza e rosa da imagem na capa.

A fonte escolhida para a capa e lombada foi a *Derivia* por ter traço fino e design simples.

As linhas abaixo do título e laterais aos nomes foram dispostas para melhor enquadramento dos demais elementos dispostos na capa.

O símbolo do gênero feminino foi colocado entre os nomes para separá-los, mantendo o foco do conteúdo, que consiste sumariamente nas mulheres.

7.4 VIABILIDADE

O custo exato das cópias que serão impressas neste período totaliza o valor de R\$423,00 (dez cópias). O projeto é viável, levando em conta que o principal gasto foi a impressão e, para a execução, o gasto foi praticamente exclusivamente de títulos bibliográficos; foram consultados também livros da Biblioteca na Univap.

Os materiais de ilustração totalizaram R\$62,00.

7.5 FINALIZAÇÃO (PÓS-PRODUÇÃO)

A organização dos capítulos e distribuição das imagens foi feita de acordo com tempo cronológico e sentido atribuídos aos capítulos.

As cores e fontes escolhidas e detalhadas anteriormente foram definidas por apresentarem um conjunto das características de design que conversam entre si e evidenciam o produto pretendido.

Antes da impressão do livro, foi feito um teste de cor quanto às cores da capa para que a escolha dos tons não mudasse de acordo com o pigmento da impressora.

8 PRODUTO

O espartilho e os sapatos de lótus foram escolhidos como objetos para aprofundamento de pesquisa a fim de evidenciar que, apesar de surgirem em culturas e lugares diferentes, ambas limitavam a mulher de seu tempo e alteraram permanentemente o corpo da mesma, causando sérios problemas de saúde. “[...] o conceito e prática de constante violência e dor, mutilação e automutilação em nome da beleza pode ser encontrado em quase toda cultura e civilização”. (PING, 2000, p. xi, tradução nossa).⁶

Há uma grande dificuldade para se encontrar materiais e estudos sobre este assunto no Brasil, tendo sido usados para este projeto, fontes bibliográficas e documentais nas línguas inglesa e francesa. Justifica-se então, a criação de um livro cujo tema é importante para o entendimento de moda e padrões de beleza, mas escasso no país.

Com a elaboração deste livro que aborda as duas peças de modo amplo, o projeto pretende contribuir para as pesquisas na área. Serão utilizadas ilustrações dos elementos mais importantes, que visam afinar o leitor sobre o assunto, já que a interação visual é fundamental quando se trata de indumentária. Será mostrado também como essas peças são vistas hoje pela sociedade, além de suas variações ao longo do tempo até os dias atuais. Desta forma, o receptor poderá saber, sob o olhar da moda, como alguns itens do seu guarda-roupa podem ter sido originados a partir, por exemplo, do espartilho.

Justifica-se também, como finalidade do projeto, o fato dessas peças serem mais estudadas como parte de um traje e não como objetos principais, tendo em vista sua relevância na história. Estes assuntos são ricos e mostram muito além da indumentária, pois tais usos refletiam sociedade e cultura, como destaca Barnard:

Quer dizer que a moda e a indumentária podem ser as formas mais significativas pelas quais são construídas, experimentadas e compreendidas as relações sociais entre as pessoas. As coisas que as pessoas vestem dão forma e cor às distinções e desigualdades. (BARNARD, 2003, p. 24).

⁶[...] the concept and practice of enduring violence and pain, mutilation and self-mutilation in the name of beauty can be found in almost every culture and civilization. (PING, 2000, p. xi).

Foi realizado um levantamento na Editora Tachion, localizada em São José dos Campos, onde dúvidas quanto à publicação de um livro de moda foram tiradas, como o melhor tipo de papel e gramatura, o design, como os livros de moda são vistos e adquiridos no mercado. Foram também explicadas quais as melhores opções quanto à quantidade de exemplares para a primeira impressão e como fazer a sua divulgação. A conclusão tirada foi de que o projeto do livro de história da moda é viável e bem recebido pelo público alvo, sendo o assunto de moda um dos mais vendidos pela editora.

Além deste levantamento, também foi realizado um questionário quantitativo de público-alvo, do qual 42 pessoas interessadas no tema participaram. Os principais resultados foram: 97% se interessa por assuntos ligados a padrões de beleza, 69.44% comprariam um livro sobre, e 97.22% gostariam de saber sobre os motivos para estes usos, entre outras perguntas que viabilizam o projeto.

Deste modo, o assunto é relevante para publicação em forma de livro, além de ser atual, mesmo se tratando de história. Acredita-se que por unir elementos de temas raramente encontrados em livros no Brasil, este projeto venha a suprir a necessidade de um material específico sobre o tema proposto.

9 HISTÓRICO DO PRODUTO

Sobre o primeiro objeto tratado, o espartilho, é possível encontrar títulos nos maiores sites de venda de livros, como Americanas, Submarino, Saraiva, Livraria Cultura entre outros do mesmo segmento, a maioria em inglês. Em língua portuguesa, foi achado apenas um título especificamente sobre esse assunto, mas o conteúdo trata do modo de confecção e modelagem de espartilhos, não sobre sua história.

É possível também encontrar tópicos sobre a peça em diversos títulos de moda em português, mas nenhum apresenta aprofundamento sobre o tema proposto.

Títulos em português que tratam do tema:

“Corset: Interpretações da Forma e da Construção”, Ana Laura Marchi Berg.

9.1 TÍTULOS EM INGLÊS E OUTRAS LÍNGUAS:

“Corsets and Crinolines”, Norah Waugh.

“Corsets & Codpieces – Karen Bowman”

“Le Corset”, Charles-Arthur Boyer e Hubert Barrere.

“Petites Histoires de Corsets au Temps des Impressionnistes”, Charles-Arthur Boyer

“Stays and Corsets: Historical Patterns Translated for the Modern Body”, Mandy Barrington.

“The Corset: A Cultural History”, Valeria Steele

“The Corset and the Crinoline: An Illustrated History”, W. B. Lord.

Tratando-se dos sapatos de lótus, é certo dizer que não há qualquer publicação bibliográfica no Brasil sobre o tema, apenas menções de tal peça em livros de moda, história e sapatos.

Na língua inglesa é possível encontrar alguns títulos apenas sobre o assunto em sites específicos de venda de livros, como *Amazon*, entre outros. Não foi encontrada nenhuma publicação em qualquer livro que trate o tema especificamente pela área da moda, e sim do ponto de vista histórico e sociológico.

9.2 TÍTULOS SOBRE OS PÉS DE LÓTUS EM INGLÊS:

“Aching for Beauty: Footbinding in China”, Wang Ping.

“ChineseFootbinding: The Historyof a CuriousEroticCustom”, Howard S. Levy

“EveryStep a Lotus: Shoes for BoundFeet”, Dorothy Ko.

“Lotus Shoes: A Short StoryfromAncient China”, P. A. De Voe.

9.3 ESPARTILHOS E SAPATOS DE LÓTUS:

Não foi encontrada qualquer publicação nos sites mencionados acima e em outras tentativas de pesquisa que diz respeito aos dois temas em conjunto especificamente, apenas breves tópicos sobre ambas as peças e suas respectivas histórias. Entre eles:

“Fetiché”, ValerieSteele

“A última Moda”, Laura Schichvarger

10 JUSTIFICATIVA DE PÚBLICO ALVO (PESQUISAS E APLICAÇÕES DE QUESTIONÁRIOS)

O público-alvo deste livro caminha bastante entre a área de humanas, como artistas, designers de moda, historiadores, jornalistas e etc., assim como feministas e curiosos em relação ao tema padrões de beleza. Esta concepção de público foi percebida com o questionário, disponível no apêndice A, onde 83% das pessoas interessadas no tema estavam relacionadas a alguma faculdade de comunicação ou artes.

Como já explicado anteriormente, o principal motivo para a criação deste livro é a falta de material sobre este tema na língua portuguesa. Deste modo, uma obra literária com esta finalidade ajudaria pesquisas de estudantes e pesquisadores da área.

Assim, este projeto tem como público-alvo, principalmente, estudantes de comunicação e artes, professores, historiadores e mulheres.

11 JUSTIFICATIVA DA ESCOLHA DO VEÍCULO

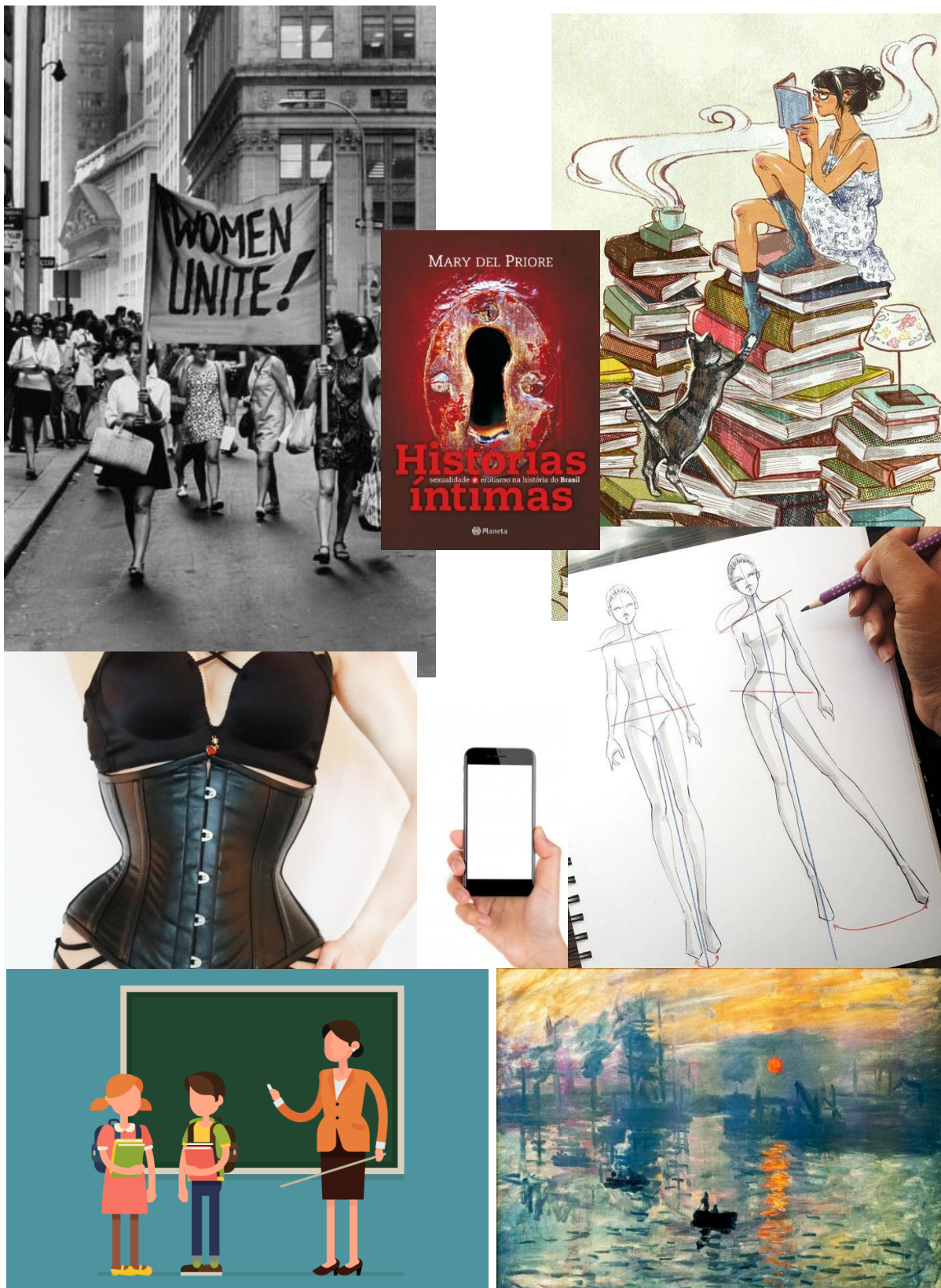
O veículo escolhido para o projeto foi o livro impresso pois, na pesquisa sobre a viabilidade do produto, este formato era o mais viável e conhecido pelo público.

O projeto inicial planejado também se baseou em um material impresso, na qual seria alterado caso pesquisas mostrassem necessárias. Por se tratar de um livro pensado principalmente para alunos da área de moda e pesquisadores, o material para uso em trabalhos acadêmicos também se mostra pertinente.

Como apresentado no trabalho anterior, foi comprovado com uma pesquisa na Editora Tachion que livros temáticos da área de moda são bem veiculados no mercado no formato escolhido.

12 PAINEL CONCEITUAL DE PÚBLICO ALVO

Imagem 10: Painel de público alvo



Fonte: Google Imagens

Este painel de público alvo tem como finalidade mostrar os principais compradores e interessados no produto. Por se tratar de um livro relacionado ao estudo da história da moda, mas que se une aos assuntos de empoderamento e submissão femininos, ele pode abranger um público maior.

Neste caso, os principais públicos para este livro são: profissionais e estudantes das áreas de moda, história, jornalismo, artes e sociologia. Além destes, são também consideradas mulheres adeptas ao uso de uma das peças, feministas, pessoas interessadas em assuntos que tratam padrões de beleza e a história social da mulher. Estes são os principais consumidores que se espera para a compra desta obra literária.

13 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo de escrever um livro de moda sobre os espartilhos e sapatos de lótus foi alcançado, expressando todas as informações e imagens que foram consideradas pertinentes para o projeto.

O problema que questionava quais os motivos que levaram ao surgimento de tais peças da indumentária que tanto agridem o corpo feminino e porque estas peças foram usadas por tanto tempo foi explanado no decorrer do livro, que enfim possibilita os leitores a entender e conhecer ambas as peças e suas complexas histórias.

O objetivo geral foi devidamente alcançado, que consistia em produzir um livro-reportagem-história, assim como os específicos, que diziam respeito a relatar a história das indumentárias, examinar o contexto histórico e relacionar o uso de ambas à submissão da mulher ao homem.

Os títulos, documentos e metodologia de armazenamento e estudo foram opções adequadas ao projeto ao longo do ano, que se mostraram importantes em questão de armazenamento de informações e organização, pontos fundamentais para o sucesso do produto. O referencial teórico, com todos os títulos estudados, foi de fundamental importância ao longo da pesquisa realizada.

A maior dificuldade ao longo da pesquisa se deu em achar informações sobre o tema dos sapatos de lótus, mas foram encontrados títulos o bastante para completar o projeto.

A produção deste livro, desde a ideia, passando pelas extensivas pesquisas do material, imagens e design sem dúvida contribuíram para o crescimento acadêmico das alunas, permitindo a experiência da concepção de um projeto bibliográfico em todas as suas etapas.

A finalidade do projeto foi alcançada, pois trará contribuições para a área de moda, pesquisadores, alunos e curiosos sobre os assuntos tratados.

14 GLOSSÁRIO

Basquine - Originalmente tem o significado de espartilho apertado, de material pesado, usado no século XVI. Termo francês. (CATELLANI, 2003). (14)

Corset - Espartilho que cobre do tronco ao quadril, inicialmente usado pelas mulheres micênicas. Termo francês. (CATELLANI, 2003). (69)

Dongshi (DongShi) - Termo que se refere à educação da criança. Presta-se muita atenção para a virtude, para que a criança sempre se comporte de acordo com a situação. As crianças devem ser atentas e maduras, primeiro devem preocupar-se com os outros e depois consigo próprias. O jovem deve também prever as necessidades dos outros. Termo chinês. (PING, 2000). (237)

Foot-Binding - A prática de amarração dos pés das jovens meninas chinesas. Tem origem no século X e proibição no século XX. (MORRIS, 2005). (233)

Qi - Parte da cultura tradicional da China, é a força vital que faz parte que qualquer entidade viva. A tradução literal é "ar" e figurativamente é a energia material, força vital ou fluxo de energia. Origem chinesa. (PING, 2000). (237)

RationalDress Society - Organização fundada em 1881 em Londres pela Viscondessa Harberton e pela Senhora King. Promovia peças de roupas que não deformavam o corpo e eram contra espartilhos e outras peças restritivas que causavam imobilidade ou deformidade no corpo feminino. (MORRIS, 2005). (157)

BIBLIOGRAFIA

BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. 267 p.

BOWMAN, Karen. **Corsets&Codpieces**– A historyofoutrageousfashion, from Roman Times totheModern Era. Nova York: SkyhorsePublishingInc, 2015. 176 p.

CATELLANI, Regina Maria. **Moda Ilustrada de A a Z**. Barueri, SP: Manole, 2003. 728 p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2011. 200 p.

KECK, Margaret; SIKKINK, Kathryn. **ActivistsBeyondBorders**. 1. ed. Nova York: Cornell University Press, 1998. 240 p.

KÖHLER, Carl. **História do Vestuário**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda., 2011. 564 p.

LAVIER, James. **A Roupas e a Moda: Uma história concisa**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 288 p.

LEOTY, Ernest. **Le Corset à TraverslesÂges**. Paris: Paul OllendorffEditeur, 1893. 110 p.

LIMA, Edvaldo pereira. **Páginas Ampliadas: O Livro-reportagem Como Extensão do Jornalismo e da Literatura**. 4. ed. Barueri: Editora Manole, 2008. 486 p.

LORD, William Barry. **The CorsetandtheCrinoline: A book ofmodesand costumes**. Londres: Ward, Lockand Tyler, 1868. 227 p.

MEDEIROS, Janaina. **Costurando para Fora – A emancipação da mulher através da lingerie**. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2010. 104 p.

MORRIS, Desmond. **A Mulher Nua**. São Paulo: Editora Globo, 2005. 247 p.

O'KEEFFE, Linda. **Sapatos**: uma festa de sapatos de salto, sandálias, botas... Portugal: H.F. Ullmann, 2008. 510 p.

PING, Wang. **Aching for Beauty**– Footbinding in China. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000. 265 p.

PRIORE, Mary Del. **Histórias e Conversas de Mulher**. São Paulo: Planeta, 2013. 303 p.

STEELE, Valerie. **Fetichê**: moda, sexo e poder. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 244 p.

STEVENSON, NJ. **Cronologia da Moda**: de Maria Antonieta a Alexander McQueen. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 288 p.

CATFLY. **Última Seguidora dos pés-de-lótus Chineses Revela os Danos**. Disponível em: <<https://catfly.com.br/post/ultima-seguidora-dos-pes-de-lotus-chineses-revela-os-danos>>. Acesso em maio de 2018.

HERMITAGE MUSEUM. **Lotus Shoes**. Disponível em: <<http://www.hermitagemuseum.org/wps/portal/hermitage/digital-collection/12.+Costumes,+Uniform,+Accessories/278551>>. Acesso em maio de 2018.

MOONEY, John. **From Hazardous Waists to Talkin' Bol**ks: how comedy can be used for public health**. Disponível em: <<https://theconversation.com/from-hazardous-waists-to-talkin-bol-ks-how-comedy-can-be-used-for-public-health-35594>>. Acesso em maio de 2018.

WIKIMEDIA COMMONS. **R and G Corset**. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:R_and_G_corset_no397_1899.jpg>. Acesso em maio de 2018.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS CONSUMIDORES

Ao longo dos séculos as mulheres se submeteram a diferentes peças do vestuário que modificavam os seus corpos, como exemplo o espartilho. Com isto em mente, responda o questionário a seguir:

1- Curso: _____

2- Você se interessa por assuntos que tratam padrões de beleza?

Sim

Não

3- Você compraria um livro sobre este assunto?

Sim

Não

4- Você pesquisaria por curiosidade?

Sim

Não

5- Gostaria de saber os motivos que levaram a tais usos?

Sim

Não

6- Qual o valor que você pagaria por este livro?

Até R\$ 30,00

Até R\$ 50,00

R\$51,00 ou mais

Não compraria

7- Quais tipos de livro você gosta de ler?

Ficção

Romance

Infanto-juvenil

Clássico

Didático

Outros

8- Quantos livros você lê por ano?

Nenhum

- Até 2
- Até 5
- 6 ou mais

ESPARTILHOS E
SAPATOS DE LÓTUS

ISABELLA FERREIRA

MARINA REZENDE

ESPARTILHOS E
SAPATOS DE LÓTUS

A HISTÓRIA DAS PEÇAS QUE MODIFICARAM O
CORPO FEMININO

ESPARTILHOS E SAPATOS DE LÓTUS

A história das peças que modificaram o corpo feminino

Isabella Ferreira, Marina Rezende

1ª Edição

Impresso no Brasil, 2018

Táchion Gráfica e Editora Ltda., São José dos Campos, SP

Ilustração: Marina Rezende

Revisão: Isabella Dupin

Figura da capa: Rainha Elizabeth I da Inglaterra.

DEDICATÓRIA

Dedicamos este livro a todos os professores que nos ensinaram o amor pela moda, a nossas famílias e colegas do curso de Moda da Universidade do Vale do Paraíba.

TURMA DE 2015

Agnes Carvalho

Felipe Orioli

Nadja D'Amo

Aléxia Inácio

Fernanda Marques

Paula Lopes

Ane Caroline

Ingrid Hervatin

Renata Marques

Caroline Moreno

Isabella Bernardes

Sueli Gomes

Cristiane Knupp

Julia Pereira

Thamires Sena

Marie Nadine

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus e a todos que possibilitaram a existência deste livro. À professora Raquel, que nos apresentou o universo da história da moda e esteve presente em todo o processo criativo; as professoras Rachel, Vânia e Manuela que sempre estiveram à disposição para ajudar a qualquer momento; e, finalmente, aos nossos pais, que acreditaram e possibilitaram a viabilidade deste projeto.

SUMÁRIO

PARTE I: Espartilhos

1. Europa: a sociedade e a mulher.....15
2. O espartilho.....27
3. A herança do espartilho.....41

PARTE II: Sapatos de Lótus

4. China: a sociedade e a mulher.....49
5. Os sapatos de Lótus.....57
6. A herança dos sapatos de lótus.....65

PARTE III: Conclusão

7. A submissão da mulher ao homem.....73

INTRODUÇÃO

A indumentária usada como forma de diferenciação social ou símbolo de status sempre esteve presente na vida da sociedade. Com medo dessa expressão, houve muita regulamentação para o vestuário por parte das autoridades ou da Igreja. Assim, era decidido para cada pessoa o quê, como, onde e quando usar cada peça de roupa. Com o advento da roupa como expressão, veio também a censura do vestuário, e, por séculos, leis foram criadas para tentar contê-lo.

Embora assuntos que envolvam padrões de beleza sejam recorrentes nos dias de hoje, sabemos que o tema, na verdade, é tão antigo quanto a própria humanidade na forma como a conhecemos. Na Idade Média, por exemplo, um corpo robusto e a pele branca eram sinônimos de fartura e beleza – o sonho de qualquer plebeia que se imaginava na realeza enquanto realizava suas tarefas braçais cotidianas. É por isso que o assunto discutido neste livro, conquanto se trate de peças que já foram abolidas do guarda-roupa feminino em geral, pode ser facilmente adaptado para outras peças que representam, para a mulher atual, o sinônimo de beleza e, ao mesmo tempo, de dor.

Este livro busca relatar a história dos espartilhos e dos sapatos de lótus com começo, meio e fim, que raramente são encontradas em livros de moda, com os detalhes técnicos necessários para um pesquisador ou leitor curioso e, ao mesmo tempo, com a sensibilidade que se faz necessária ao se envolver assuntos tão polêmicos. Ambos os objetos estudados são dignos de aprofundamento por envolverem e refletirem tão perfeitamente toda uma sociedade: a mulher, o homem, a hierarquia, as limitações do corpo humano, os padrões de beleza, a cultura de um país ou continente, entre tantos outros.

Este relato, mesmo que possa parecer, não se trata de um discurso de ódio contra essas peças; muito pelo contrário: ele traz sob os holofotes a trajetória de duas peças que raramente são mostradas como protagonistas quando mencionadas, apesar de merecerem um estudo aprofundado e focado – dada a importância que tiveram na vida de toda uma sociedade.

Nas próximas páginas, será possível conhecer o espartilho, como era usado, os principais modelos, a mulher que o usava, a sociedade que o rodeava, assim como suas consequências ao usá-lo. Por que se tornou atualmente um item fetichista? Toda a trajetória do mesmo se faz importante para mostrar como ele ressurgiu nos dias atuais com propósitos diferentes.

Quanto aos sapatos de lótus, será mostrado todo o ritual por trás de seu uso, a mãe – parte fundamental de todo o procedimento – a menina que, cedo demais, se transformava em mulher e os diversos modelos e curiosidades sobre os chamados lótus dourados. Quais são os motivos que levaram o ritual, consagrado por tanto tempo, ser hoje em dia considerado uma vergonha nacional para os chineses?

Enfim, o livro será concluído com uma reflexão de como essas peças, em vigor por muitos séculos, são usadas ou vistas nos dias atuais, em uma sociedade que pensa e age de forma diferente, mas que para sempre carregará o legado deixado pelos itens em questão. Com informações inéditas em publicações brasileiras e uma boa seleção de ilustrações feitas cuidadosamente, esta obra busca ser uma boa fonte bibliográfica para os estudantes e pesquisadores da área de moda.

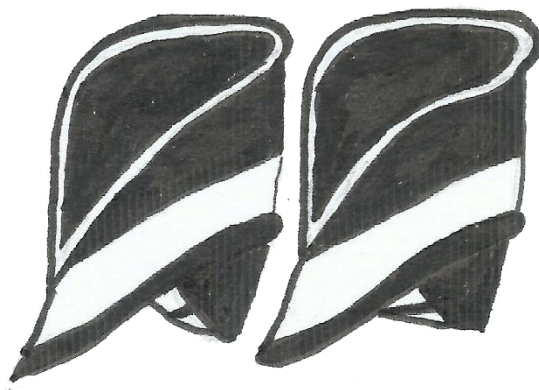


Figura 1: Sapatos de Lótus

PARTE I

OCIDENTE: O ESPARTILHO

CAPÍTULO 1

EUROPA: A SOCIEDADE E A MULHER



Figura 2: Traje feminino típico da Inglaterra, denominado “Robe à l’anglaise”, 1780.

EUROPA: A SOCIEDADE E A MULHER

Para compreender o uso do espartilho em sua totalidade, é necessário um entendimento dos séculos em que ele foi de extrema importância na construção da figura feminina e da sociedade da época. Embora esta publicação se trate de discorrer sobre um fenômeno que ocorreu por séculos e, portanto, sofreu alterações ao longo dos anos, primeiramente serão tratados os temas que permaneceram praticamente iguais na sociedade durante este período.

O Papel da Igreja na Sociedade

Antes de continuar a entender as construções sociais da época, é importante saber que a Igreja, principalmente a Católica, tem provavelmente o mais importante papel na vida da sociedade, pois era ela que assegurava o dever da mulher quase nulo segundo Deus e sua chamada “herança biológica”.

Neste primeiro momento, o espartilho era restrito às damas da nobreza e ricas burguesas, que exibiam status de acordo com os diversos modelos e enfeites no espartilho. Um corpo espartilhado significava um corpo com autodisciplina e respeitabilidade. Além disso, exigia uma postura totalmente rígida, o que significava a perda de muitos movimentos da mulher. Ela não conseguia, por exemplo, erguer os braços acima da cabeça ou andar com passos mais apressados. A peça inclusive ajudava na imagem que foi cuidadosamente construída para a mulher da época, restrita de movimentos e de qualquer liberdade. Eram comuns os desmaios das damas devido à pressão que a peça exercia no corpo e aos pesados tecidos usados – mesmo no calor – mas isso não era problema, já que essas eventualidades eram consideradas dignas do sexo frágil que toda mulher supostamente pertencia.

Os argumentos dos pensadores da época sobre a mulher vinham do fato de que a mesma, por “sangrar, amamentar e engravidar” era obviamente mais fraca que a herança biológica do homem, que herdou mais força e intelecto, o que não fazia parte dos atributos

femininos. Este era o pensamento vigente na época, que era assegurado pelos dizeres da Bíblia, como a história de Adão e Eva, que mostrava as mulheres como seres traiçoeiros e indignos de confiança, resultando na necessidade de viverem dentro de casa por precaução, já que eram escravas de seus desejos sexuais. De acordo com esses pensamentos, vinha a afirmativa de que a mulher existe quase que exclusivamente para o olhar de terceiros, especialmente dos homens. Por isso, veio dotada de beleza, para assegurar que seu papel de reprodutora fosse devidamente cumprido.

Diante deste contexto, o espartilho traduzia todo esse pensamento existente naquele momento e fazia com que as mulheres, principalmente as nobres, ficassem dentro de suas casas, cuidando de seus irmãos e, posteriormente, de seus filhos. Ademais, limitava e dificultava os movimentos, já que elas não foram feitas para trabalhos pesados, assegurava a silhueta ideal para a mesma, com as peças cada vez mais apertadas e sempre muito enfeitadas, com muitas cores e laços, e ainda causavam deleite, prazer e desejo aos olhos masculinos, um de seus deveres na sociedade.

A imagem de Deus, assim, foi usada para que a mulher vivesse, por muito tempo, como uma figura reclusa na sociedade.

O Início da Revolução Industrial

Com o início da Revolução Industrial, o espartilho, antes restrito à nobreza e esposas de ricos burgueses, tem uma ascensão por toda a população, já que a massificação das peças cria produtos muito abaixo da qualidade dos primeiros. Neste momento, além da aparente diferença entre espartilhos bem confeccionados por *tailleurs* para as ricas damas e os de baixa qualidade, massificados, é notado também o nível de qualidade de acordo com a compressão do mesmo. As nobres, que ficavam em casa, podiam se comprimir cada vez mais, mas as mulheres pertencentes à classe trabalhadora, que podiam ajudar com empregos considerados femininos, como passar, cuidar de crianças, lavar roupas e etc., usavam espartilhos mais soltos, pois precisavam da liberdade dos movimentos. Essa era a distinção do momento: as damas com espartilhos devidamente apertados eram as respeitáveis, em

oposição à triste tentativa da massa de se adequar à feminilidade vigente. É neste período que a ascensão de classes se torna possível, mas não fácil, já que, para conseguir um bom casamento, um corpo bem espartilhado era uma boa vantagem à frente das outras mulheres da mesma classe.

Medidas Mínimas

O espartilho dos séculos anteriores tem sido visto e percebido pela sociedade contemporânea como um item extremamente opressor do vestuário feminino e totalmente limitador. De fato, ele foi, mas é importante ressaltar aqui que os exageros mostrados em antigas fotografias de moças com medidas muito pequenas e charges retratando as senhoras da época são exageros, e não o modo como ele era de fato usado pela maioria. Houve um momento, datado no século XIX, em que o ideal da cintura feminina era ter a medida referente há quantos anos a moça tinha.

Toda a obsessão masculina em torno de uma parte específica do corpo da mulher pode ser estudada com certo grau de amplitude: para começar, é importante saber que a cintura de uma mulher, depois do parto, aumenta de 15 a 20 cm, em média. Então toda a construção do formato do espartilho e da cintura fina mexia com o imaginário masculino, pois, de acordo com Morris, autor de “A Mulher Nua”, “a cinturinha fina tem sido há séculos símbolo de virgindade – de uma mulher que já está preparada para o sexo, mas ainda não o experimentou. Essa condição exerce tal atração sobre o macho reprodutor da espécie que muitas mulheres, mesmo aquelas que já não a possuem, anseiam recuperá-la”.

Além disso, o fato de ver a mulher presa sob tantas camadas de roupa, com um dos intuitos sendo se esconder dos olhares masculinos, tinha o efeito contrário: era prazeroso vê-la apertada e indefesa, e a quantidade de roupas apenas excitava a imaginação dos homens; pode-se dizer que isso foi o começo do fetichismo que o objeto causa até hoje.

De acordo com diversos historiadores, a Era Vitoriana foi a mais restritiva época dos espartilhos. Com a figura idealizada da Rainha Vitória, na Inglaterra, o objeto era mais ligado do que nunca à moral da mulher. A substituição das barbatanas de baleia por ilhoses de metal, que tornou mais fácil a compressão da cintura, intensificou o sofrimento e a dor, tendo diminuído consideravelmente a mesma. No século XVIII, a menor cintura documentada media 61 cm, já na era vitoriana, esse número diminuiu para 46 cm.

Reforma do Vestuário

Pode-se dizer que o traje *Bloomer* foi pioneiro na tentativa de fazer uma reforma no vestuário opressor vigente na época. Em 1851, Amelia Bloomer, americana e defensora dos direitos das mulheres, foi



Figura 3: Traje Bloomer

sua maior divulgadora no que foi chamado de “Traje Racional Feminino”. O traje era composto por corpete, saia abaixo dos joelhos, e calças sob a saia até o tornozelo. Foi principalmente motivo de piadas e reprovações pela maioria das pessoas, que consideravam o uso de calças por mulheres uma atitude ultrajante e de extrema má conduta. Foi usado por um pequeno número, até se popularizar cinquenta anos depois, principalmente entre ciclistas.

Já na segunda metade do século XIX, momento em que um maior número de mulheres já trabalhava e conseguia mais espaço nas universidades, a reforma no vestuário era cada vez mais discutida e chegou a entrar nos assuntos do Conselho Nacional das Mulheres, fazendo parte também de acaloradas

discussões em diversos jornais, como o *New York Times*. O primeiro Conselho Nacional das Mulheres foi realizado em 1891, nos Estados Unidos, e foi presidido por Frances E. Willard. Neste mesmo período, o mundo ocidental se viu dividido entre as mulheres que permaneciam com o vestuário inalterado e as que, aos poucos, começavam a adotar algumas das mudanças que libertavam os movimentos, visto que a mulher já tinha mais liberdade, como dito anteriormente, para estudar e trabalhar, como também para se exercitar livremente.

É particularmente difícil, como observador, tentar entender por que as mulheres relutaram tanto para aceitar essas mudanças, como o abandono do espartilho e o uso de peças que ofereciam maior liberdade, mas é necessário lembrar, como acontece hoje, que o ideal feminino era desenhado muito claramente para a sociedade desde o nascimento, e isso torna difícil a tarefa interna de desconstruir essa imagem imposta. Isso se prova em materiais que citam que muitas mulheres eram a favor do fim do corpo espartilhado e da adoção de novos trajes, mas não para elas mesmas. As objeções diziam que, para as outras, o visual cairia bem, graças aos seus “corpos esbeltos”, mas elas precisavam do espartilho, visto os formatos desajeitados do próprio corpo que não representavam o “ideal feminino”.

Em diferentes momentos, grupos ou pessoas com ideias revolucionárias tentaram chamar a atenção para os diversos perigos e limitações do espartilho. Serão relatados os mais importantes, além de mostrar como a sociedade estava, em pequenos passos, se alterando. No final do século XIX, pode-se dizer que a reforma do vestuário era de interesse de diversas vertentes da sociedade.

Em 1908, foi criado o *Liberty Bodice*, por Fred Cox, que se assemelha ao que hoje seria uma cinta dos ombros ao quadril, feita de lã, originalmente para crianças,



Figura 4: “Liberty Bodice”, usado por mulheres, homens e crianças, criado no fim do século XIX.

sem metais ou barbatanas, o que a deixava confortável, e por isso faz parte do Movimento de Emancipação da Mulher. Foi primeiramente usado por empregadas que precisavam dos movimentos livres que o espartilho as negava, mas depois, com o apoio da *Lady Cyclists Association* e da *Rational Dress Society*, que eram contra roupas que alteravam a silhueta feminina e que de alguma forma prejudicasse sua saúde, se popularizou principalmente entre as ciclistas, e, após, entre meninas, meninos e mulheres, até a década de 1960.

A I guerra Mundial e os Espartilhos

Pode-se dizer que Primeira Grande Guerra foi o segundo período de libertação feminina quanto ao espartilho, sendo o primeiro após a Revolução Francesa que, por imposição de Napoleão Bonaparte, não era permitido nenhum tipo de roupa que lembrasse a extinta Realeza. Com os homens lutando na Guerra, as mulheres precisavam de mais liberdade, por exemplo, para andarem de bicicleta. Foi nesta época também que, baseado na quantidade de metal gasto para se fabricar espartilhos, foram criadas campanhas estimulando as mulheres a abandonarem os espartilhos. Com isso, foi divulgado que poupou-se o equivalente em metal para se construir dois navios de guerra.

É documentado que o espartilho começou a desaparecer em 1907, ano em que o francês Paul Poiret lançou o que seria conhecido como a silhueta dos anos 20. Já em 1910, as mulheres consideradas mais esbeltas substituíram a peça por cintas e sutiãs.

O Espartilho como Fetiche

O termo fetiche, em seu sentido mais atual e que mais se encaixa com o assunto da indumentária, diz respeito a qualquer coisa que fosse irracionalmente adorada. Já o termo fetichismo fala, além de sexualidade, sobre poder e percepção, de acordo com Valerie Steele, autora de “Fetiche – Moda, Sexo & Poder”.

O principal motivo do uso do espartilho na contemporaneidade é pelo fato de que ele é usado como item fetichista aproximadamente desde o século XIX, mas não se sabe ao certo quando surgiu com fins fetichistas, pois é antiga a percepção de que o uso de um espartilho apertado excita os homens. Em entrevistas encontradas no livro “Fetichismo – Moda, Sexo & Poder” para revistas fetichistas, a maioria das mulheres diz que a razão para se apertar de maneira extrema, uma das características do sadomasoquismo, é, na maioria das vezes, porque os parceiros encontram prazer na prática, e não elas próprias.

Quanto ao espartilho contemporâneo, analisando como a peça é tratada por diversos estilistas e grandes marcas, como Chanel, ou o icônico modelo criado para a Madonna, com os peitos cônicos, mostra que o objeto é visto como uma peça de empoderamento feminino, quase um símbolo da sexualidade da mulher moderna, o oposto da submissão que o mesmo exibia há alguns séculos.

Desde que foi explorado como objeto fetichista e sadomasoquista, o espartilho permanece como um dos itens mais importantes entre clubes do tema, na maioria das vezes usado por mulheres, mas a prática também é explorada por homens.

Homens de Espartilho

Embora o assunto seja pouco explorado, o uso de espartilhos por homens se deu de forma relativamente ampla em diversos âmbitos. A propaganda mais antiga que retrata espartilhos masculinos data de 1899, mas já na década de 1820, alguns dândis franceses, que podem ser descritos como homens com apurado senso estético e grande admiração por atividades intelectuais, usavam espartilhos para conseguir a silhueta em forma de ampulheta, coisa que estava em alta na época.

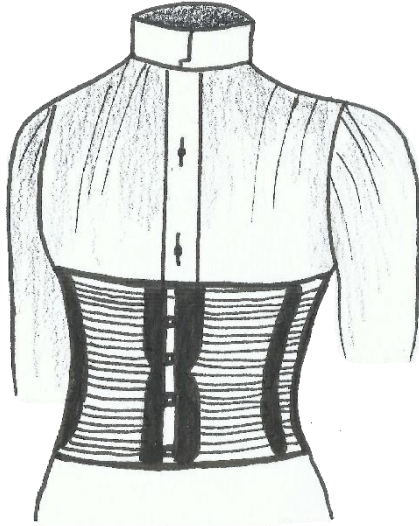


Figura 5: Espartilho masculino, século XIX.

Os homens que usavam a peça podem ser separados em seis categorias:

- **Os dândis:** denominados assim, os homens com senso estético apurado, que prezavam a arte e todas as expressões de cultura vigentes na época;
- **Oficiais do exército:** eram usados para caçar e para outros exercícios. Muitas vezes, se tratava apenas de um cinto para manter a postura ereta; usado principalmente pelo militar eduardiano;
- **Homens com problemas nas costas:** o espartilho era altamente recomendado por médicos para pessoas de todas as idades para corrigir um problema de postura, incluindo homens;
- **Meninos:** tanto quanto para meninas, era usado para postura e bons modos;

- **Fetichistas:** homens que sentiam prazer não só em ver uma mulher de espartilho, como também de usá-lo, ou até de aderir a prática para a diminuição da cintura. Há variações entre os fetichistas, como os que gostavam de dominar ou serem dominados e etc;
- **Club Kids:** mais recentemente, pode-se citar os Club Kids, que surgiram no final dos anos 80 em Nova York, que se tratava de jovens gays com estilo particular, onde parte deles usava abertamente o espartilho como roupas normais.

Os homens espartilhados eram malvistas pela sociedade, talvez, por isso, não se encontrem muitas evidencias ou recordações a este respeito.

CAPÍTULO 2

O ESPARTILHO



Figura 6: Espartilho com alças e laços, originário da França, 1780-1790.

EUROPA: O ESPARTILHO

Desde sempre, as mulheres já utilizavam faixas de tecido para sustentar os seios e apertar a cintura. Em algumas culturas, as meninas usavam, desde pequenas, folhas de chumbo enroladas no busto, para que estes não crescessem, e para apertar a cintura. Na Idade Média, surgiu o *kirtle*, uma espécie de colete engomado, estruturado com barbatanas. Essa peça deu origem ao corpete, peça superior da roupa, ajustada ao corpo. Já o espartilho era usado por dentro, como uma roupa íntima, e foi apenas no século XIX que ele começou a ser vestido como peça da indumentária.



Figura 8: Chamado “Anamaskhalister”, era uma faixa que se passava sob os seios e em seguida sobre os ombros para sustentação dos seios; origem grega.



Figura 7: Traje “Kirtle”, típico da Idade Média na Europa.

Século XVI

Até o Renascimento, os vestidos contavam com muitas amarrações e fendas para se dar formato ao corpo. No final do século XV, o vestido passou a ser composto por duas peças: o corpete bem justo na cintura e a saia. Com o início do reinado de Elizabeth I, em 1558, seu guarda-roupa ditou a moda do período com grande influência espanhola. Cintura fina, decote baixo e reto, corpete acolchoado para dar formato ao corpo, muito volume nas saias e rufos (cada vez maiores) foram as principais características da indumentária renascentista.



Figura 9: Rainha Elizabeth I da Inglaterra.

A Rainha Elizabeth I acreditava que beleza e força fossem a mesma coisa e que seu sucesso como rainha se devia à sua capacidade de ser bonita.

O espartilho passou a ser usado para melhorar a postura e afinar a cintura, além de deixar os seios em evidência no decote (era amarrado de baixo para cima). Essa peça com sarrafo fino e estreito, por volta de 1560, na França, era usada por baixo do corpete. Esses espartilhos elisabetanos eram mais agressivos com suas donas: uma tentativa de se curvar causava uma espetada nas costelas, já que muitos eram feitos de ferro. Nesta época, a incidência de deslocamentos de órgãos internos era mais recorrente.

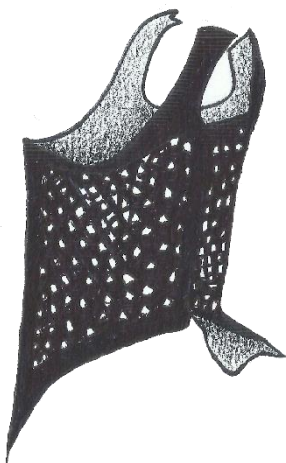


Figura 10: Espartilho de ferro que data do começo do século XVI, provavelmente desenhado para figuras com deformidade.

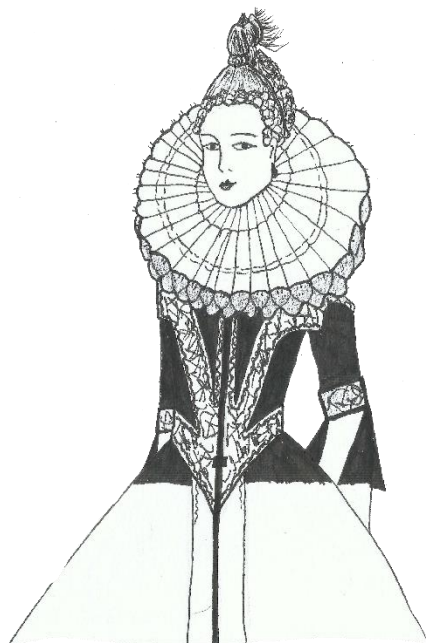


Figura 11: Traje feminino típico da Espanha do início do século XVI.

Século XVII

No século XVII, as roupas ficaram mais leves e com formas mais naturais, mesmo que melhor elaboradas. O corpo já não era tão deformado pelo espartilho, como no século passado, e os corpetes eram bem decotados, com a cintura em ponta.

Após a restauração de Carlos II, em 1660, na Inglaterra, não houve muita mudança na vestimenta; no entanto, as cinturas ficaram mais apertadas. Essa foi uma tentativa de se diferenciar da França – o que não deu muito certo – já que, em 1670, a moda nos dois países tornou-se similar. Logo, Luís XIV, da França, instituiu, no mesmo período, uma ordem de vestimenta muito parecida com a inglesa, como um desafio a Carlos II.



Figura 12: Espartilho de metal, aproximadamente 1600.

Século XVIII

Com a morte de Luís XIV, rei Sol da França, em 1715, as roupas femininas se tornaram mais soltas e naturais, prezando o conforto. O corpete possuía barbatanas de baleia em sua estrutura e era amarrado atrás. A partir de 1770, houve uma grande mudança na indumentária.

O corpete era bem decotado e estufado, o que dava a impressão de “papo de pombo”. Foi nesse período que surgiram os *fashion plates*, ilustrações da indumentária muito importantes para a propagação da moda.



Figura 13: Traje feminino típico da França, anos 1770.

Após a Revolução Francesa (1789), todo o exagero do vestuário se extinguiu. Os bordados, as rendas e os babados foram deixados de lado, dando espaço a modelagens inspiradas na roupa de campo inglesa. Os espartilhos foram abandonados.

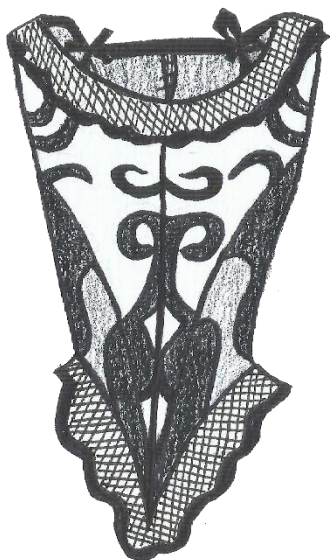


Figura 14:Espartilho laceado na parte de trás, com brocado, laços e rendas, 1735.

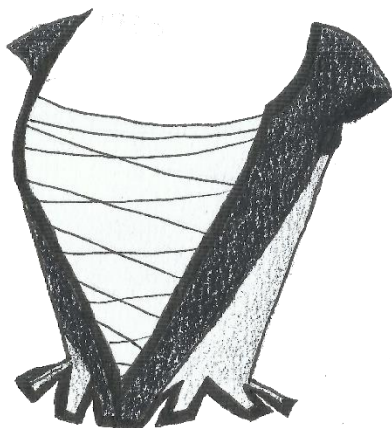


Figura 15: Espartilho laceado na frente, 1700.

Século XIX

No início do século XIX, as roupas femininas continuaram com tecidos fluidos, leves, confortáveis e sem espartilho. Inglaterra e França cortaram relações e, por isso, a moda nos dois países era diferente. Após a abdicação de Napoleão, muitas mulheres inglesas foram para a França, onde descobriram uma grande diferença na vestimenta. Assim, a moda inglesa foi abandonada para a francesa ser adotada.

A moda masculina, ditada principalmente por Beau Brummell, conhecido pelo seu estilo dândi, tinha aspecto sóbrio. Com a partida de Beau, em 1819, para fugir de alguns credores, as roupas dos dândis ficaram extravagantes. Nesse momento, foi introduzido o espartilho à indumentária masculina, o que causou grande piada entre caricaturistas.

A indumentária feminina também mudou neste período romântico: a cintura se tornou mais fina, com o retorno do espartilho como peça fundamental no guarda-roupa. As meninas usavam espartilhos desde crianças, e periódicos diziam que algumas alcançavam cinturas de 25 centímetros. Outros diziam que se a garota utilizasse a peça bem apertada dia e noite, poderia reduzir 10 centímetros. Mesmo assim, não se pode utilizar essas medidas como normais para a época, pois eram raras. Existiam espartilhos de todos os tamanhos.



Figura 16: Dândi em trajes completos.

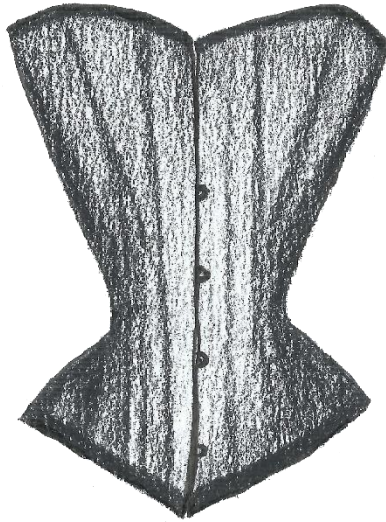


Figura 18: Espartilho francês sem alças, 1890-1910.



Figura 17: Menina trajando espartilho, Era Vitoriana.

“Um anúncio da época aconselha as mães a deitarem suas filhas de bruços no chão para que possam colocar um pé nas pequenas costas a fim de puxar os cordões da maneira necessária”. (LAVÉ, 1982, p. 162).

A indumentária feminina da Era Vitoriana impossibilitava o trabalho da mulher, mesmo que ela quisesse trabalhar para ajudar na economia da família. As saias eram enormes e pesadas, o que atrapalhava nos movimentos, e os espartilhos causavam falta de ar e fadiga. Em 1874, surgiu o espartilho *cuirasse*, bem apertado e mais comprido, que, em 2 anos, chegava a ser usado por cima da saia, como parte do corpete. Nesse mesmo período, havia piadas de que os espartilhos eram tão apertados, que uma mulher não conseguia ao menos se sentar.

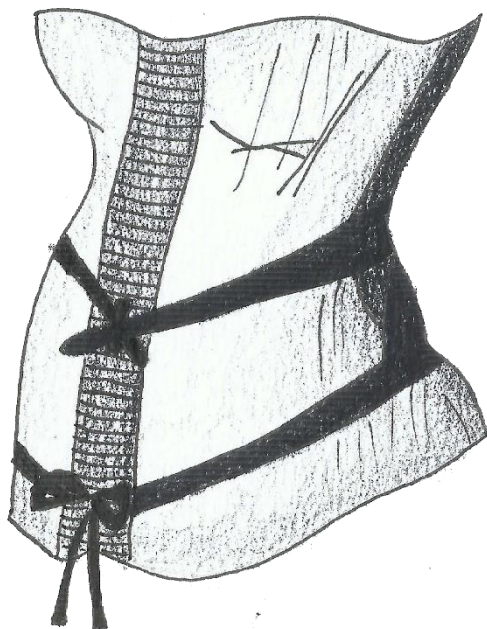


Figura 19: Espartilho para grávidas com amarrações na frente, 1892.

A mulher deixou de lado o *rouge*, visto que a palidez era admirada. A sua pele pálida era a marca de *status* social do marido, pois significava que ela não precisava trabalhar ou fazer nada que não fosse ficar em casa.

No ano de 1881, surgiu em Londres a Sociedade do Traje Racional, que protestava contra a introdução de qualquer vestimenta que deforme a silhueta, impeça o movimento do corpo ou possa prejudicar a saúde. Esse movimento tinha como objetivo alertar as mulheres sobre os riscos de saúde causados pelo espartilho, como aborto espontâneo, esmagamento dos órgãos e desmaios. No lugar dessa peça, eram propostas peças leves e confortáveis. Mesmo sendo motivo de piada, logo o uso do espartilho rígido foi abandonado.

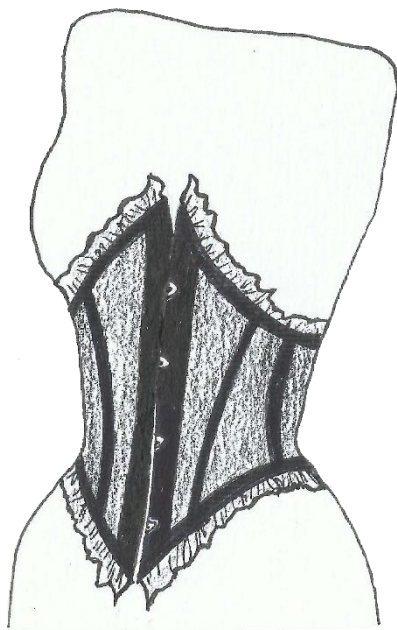


Figura 20: Espartilho originário dos Estados Unidos, 1860.

Este século foi marcado com o maior uso de espartilhos da história da moda, junto a muitos relatos de mortes por alguma deficiência interna causada pelo objeto. Há relatos de órgãos movidos para o lugar errado, perfurações do estômago e muitos outros problemas. Não se sabe ao certo a veracidade desses fatos, mas os relatos são muitos.

Com o fim dos anos 1890, era claro que a Era Vitoriana estava chegando ao fim. Havia um tom de liberdade na vestimenta esportiva dos jovens, assim como a roupa extravagante da noite.

Século XX

O início do século XX pode ser marcado como *La Belle Époque*, na França, ou Era Eduardiana, em Londres. Esse período foi marcado pelo espartilho saudável, que tinha a parte frontal reta, o que dá impressão de silhueta em S. Este modelo deixava a coluna ereta, levantava o busto e empurrava o quadril para trás. A partir de 1908, a silhueta modificou-se, deixando a curvatura do S mais suave. Percebia-se grande tentativa de diminuir a cintura nas propagandas de espartilho da década.

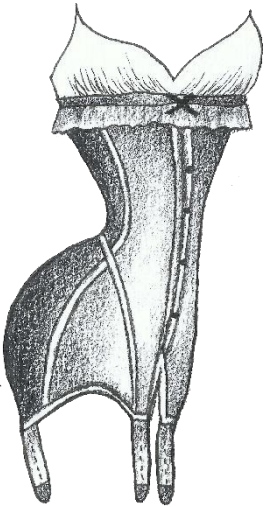


Figura 21:Espartilho de 1910, para silhueta em "S".



Figura 22:Espartilho com silhueta em "S".

Com o início da guerra, em 1914, a moda foi estagnada e, quando acabou, em 1918, as saias subiram e as cinturas desapareceram. A partir de 1925, pode-se dizer que houve o fim do espartilho como peça necessária da indumentária.

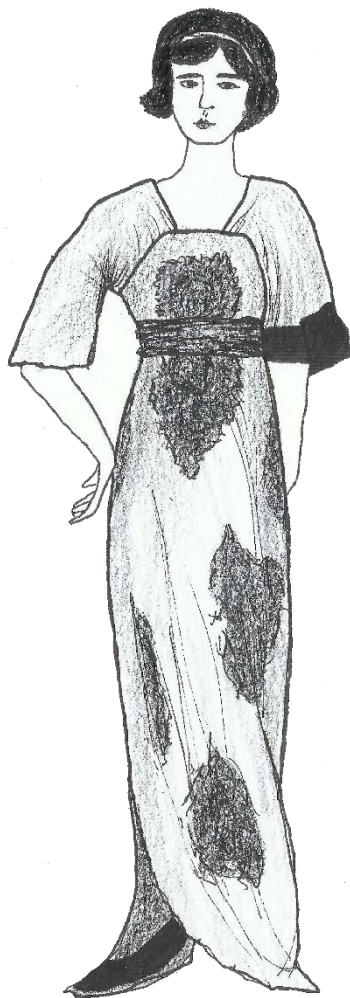


Figura 23: Silhueta introduzida por Paul Poiret, 1914.

CAPÍTULO 3

A HERANÇA DO ESPARTILHO

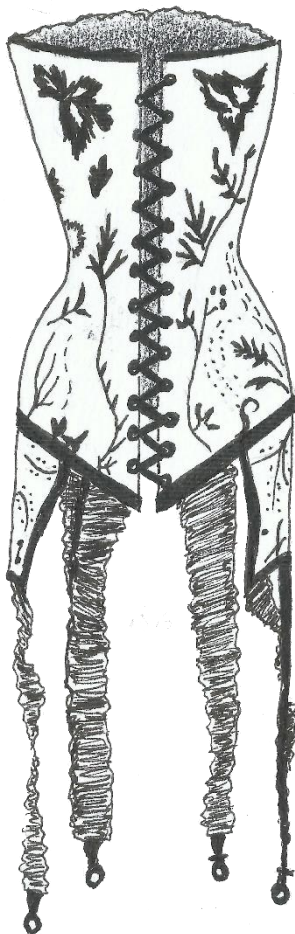


Figura 24: Espartilho (1905-1908)
silhueta “S”, com ligas de cetim.

A HERANÇA DO ESPARTILHO

Como foi visto no capítulo anterior, o espartilho teve grande importância em toda a história da moda ocidental. Ele esteve presente na vida das mulheres – e até mesmo dos homens – por longos períodos. Em muitos casos, afetou diretamente a liberdade da mulher, tanto física quanto emocional, causando limitação de movimentos e de liberdade de expressão, bem como problemas de saúde.

Tudo leva a crer que o espartilho, durante muito tempo, esteve ligado à submissão da mulher ao homem. Um grande exemplo disso foi a falta de liderança feminina nos negócios no início da Revolução Industrial, por motivos de fadiga, dores e saias muito grandes para se locomover com agilidade.

O laceado da parte de trás do espartilho tinha também uma finalidade um tanto curiosa: muitos dos maridos gostavam de fazê-lo pessoalmente, para ter certeza de que sua esposa era fiel – se o laço estivesse diferente no fim do dia, as suspeitas seriam concretizadas.

Com o passar dos anos, o uso do espartilho deixou de ser necessário, mas ele não saiu das vidas das mulheres. Hoje, ele é considerado uma peça de empoderamento feminino e fetiche, mas também está relacionada à dominação por parte do homem. Muitos relatos mostram que, ao mesmo tempo em que alguns homens veem o uso do espartilho como exemplo de confiança, força, poder e domínio da mulher, para outros, ele demonstra fraqueza e dor. Essa controvérsia está ligada ao passado, pois mesmo que agora esteja ligado ao empoderamento, antigamente era o seu modo de limitar a mulher que causava excitação no homem. O livro “Fetiche”, de Valerie Steele, contém muitos relatos de mulheres que fazem o uso do espartilho para agradar ao marido, como também há moças que o utilizam por estética, para seguir o padrão de beleza da cintura fina.

A peça ressurgiu na modernidade de maneira notória, com a estilista Vivienne Westwood, famosa por criar peças fetichistas. Os espartilhos criados por ela eram fechados com zíper, mais maleáveis e inspirados principalmente nas peças do século XVIII. Além destes excêntricos modelos, os espartilhos fechados com amarrações (*lacing*) têm sido bastante explorados pelos estilistas desde a década de 50.

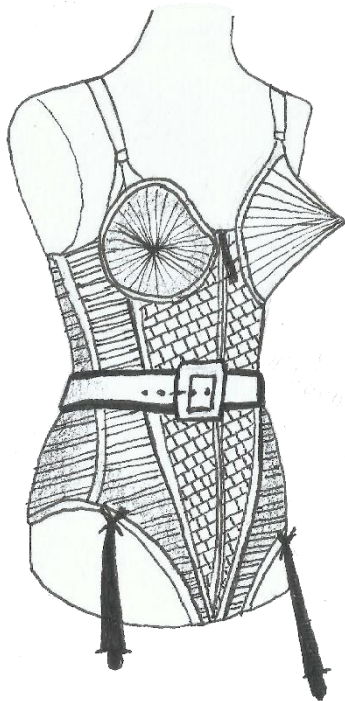


Figura 25: Corset com sutiã em forma de cone, do estilista Jean Paul Gaultier; parte do figurino da turnê “Blond Ambition”, da Madonna, usado pela primeira vez em 1990.

Embora não se compare ao seu uso cotidiano dos séculos anteriores, o espartilho ainda se faz presente no século XXI: as principais marcas de lingerie do mundo, principalmente na França, o

maior usuário de espartilhos da história, o exibem em seus desfiles de alta costura, sempre com a premissa de trazer de volta a feminilidade que vem naturalmente com o uso do espartilho. Não importa a época, a cintura de uma mulher após a criação do espartilho sempre será, senão a maior, uma das mais importantes características do que a sociedade considera como feminilidade.

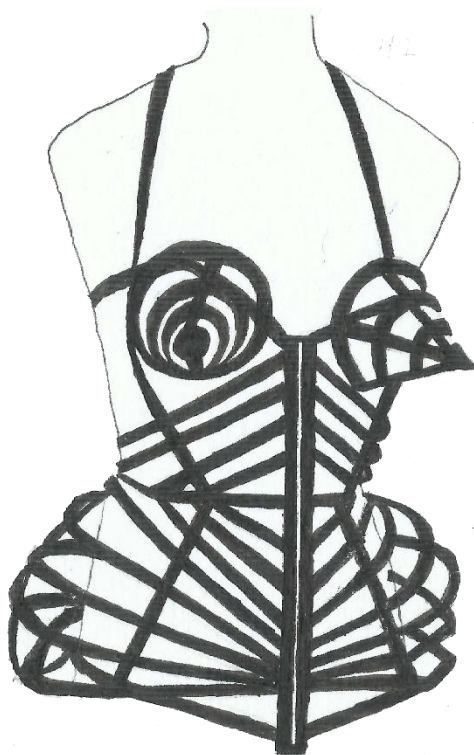


Figura 26: Espartilho criado por Jean Paul Gaultier para Madonna, 2012.

PARTE II

ORIENTE: OS SAPATOS DE LÓTUS

CAPÍTULO 4

CHINA: A SOCIEDADE E A MULHER

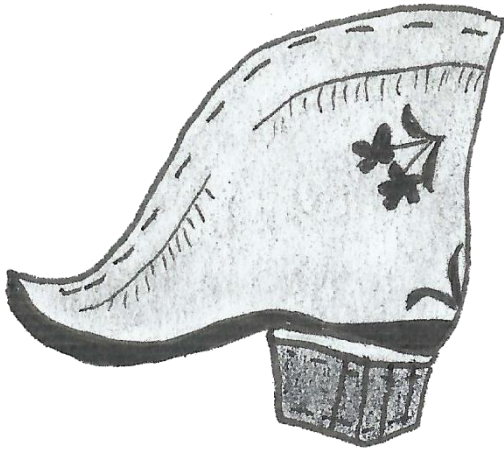


Figura 27: Sapatos de Lótus.

CHINA: A SOCIEDADE E A MULHER

Nesta segunda parte, será contada a história da sociedade dos sapatos de lótus, que se tornou conhecido mundialmente como um fetiche cultural. Estima-se que a prática de enfaixamento dos pés tenha durado mil anos, sendo feita por aproximadamente um bilhão de mulheres, envolvendo imperadores e uma cultura pouco conhecida. Os sapatos de lótus, em si, pouco se diferenciaram ao longo dos séculos, já que, após a criação, se tornaram uma tradição.

Embora a prática tenha sido generalizada, nas áreas rurais, como as amplas plantações de arroz, a incidência era bem menor. Isso não impediu o fato de que, em 1835, dentre dez mulheres, de cinco a oito tiveram seus pés mutilados.

Início

Ao longo dos séculos, surgiram várias lendas sobre o início da prática da amarração dos pés, mas nunca foi possível confirmar qual delas era a verdadeira. As mais contadas entre mães e filhas foram as que sobreviveram aos dias atuais e serão contadas a seguir.

O antigo conto que deu origem a tudo vem da Índia, e conta a história de uma mulher-corça. Diz a lenda que um *rishi* (em português, vidente, autores de livros clássicos da Antiga Índia) estava em um riacho, quando uma corça deu à luz a uma menina. De uma beleza extrema, a única parte animal da garota eram os pés de corça. O *rishi* a levou para casa e a criou como sua própria filha. Quando a garota andava, deixava para trás pegadas com o formato de flores de lótus. Foi premeditado que ela daria luz a mil filhos, que estariam, cada um, sentados em pétalas de uma flor de lótus de mil pétalas. E assim aconteceu.

Já a teoria mais aceita sobre o início da prática das amarrações se deve a um grupo de bailarinos que se apresentava na corte do século IX, período da dinastia Tang. Com os pés enfaixados de seda branca para contar a história indiana da mulher-corça, a performance encantou o público com a leveza dos pequenos pés, e seu símbolo de fecundidade presente na encenação. Logo depois, as damas da corte passaram a imitar os bailarinos, enfaixando seus pés da mesma maneira.

Em um curto período de tempo, os pés começaram a ser símbolo de feminilidade e requinte, já que teve início na corte, classe mais imponente da China. Assim, todas as classes sociais queriam o mesmo visual, com a promessa de ascensão financeira. Curiosamente, um dos motivos que fizeram as damas da corte adotarem o costume (e a alta sociedade em geral) foi a promessa de todos os tipos de distinções: do feminino e do masculino, do rico e do pobre, do belo e do feio, do celestial e do humano. Os pés se tornaram desejo nacional que exalavam o feminino, o delicado e a fecundidade. Foram logo criados manuais com instruções da prática de maneira correta.

CINDERELA

A história original da Cinderela tem origem chinesa, e traduz perfeitamente a sociedade anciã: um príncipe, que estava à procura de sua esposa, tinha como única exigência que a amada tivesse pés pequenos. Com um sapatinho de pele, estava nas mulheres dos arredores, até que se deparou com duas irmãs. A mais velha, aconselhada pela mãe a cortar o dedão após o sapato não ter servido, assim o fez. Após conseguir enfiar os pés no sapato, a caminho da feliz conquista, o príncipe notou os pés ensanguentados e a devolveu para a mãe, que lhe ofereceu a segunda filha. Esta cortou o calcanhar, e retornou para casa com o mesmo destino da primeira. Finalmente, o príncipe encontrou Cinderela, com os minúsculos pés, se tornando, assim, a esposa do príncipe.

Novas lendas foram criadas para dar significados mais profundos para a mania nacional. Lendas chinesas descreviam as mulheres com “pés de casco” como sendo mulheres raposas poderosas, que eram enviadas por deuses para dar fim a uma dinastia corrupta. As raposas se transformavam em mulheres com uma beleza tão perfeita que era considerada anormal, mas não conseguiam transformar seus pés, que continuavam com formato de cascos. Graças a essa falha, era possível identificar estas poderosas figuras que causavam loucura nos homens e, segundo as lendas, acabavam com reinos e civilizações.

Outra história contada, provavelmente para horrorizar as garotas (na época em que os pés de lótus já haviam se espalhado pelas classes sociais), dizia que meninas com pés grandes eram predestinadas a trabalharem a vida toda como camponesas; apenas meninas com pés de lótus teriam uma vida digna.

Todas as lendas e ditados que percorreram séculos na China, passando de geração a geração, mostram como a sociedade estudada era em muitas formas primitiva e extremamente supersticiosa, fato que fez com que os pés de lótus durassem tantos séculos, e que também foi a principal causa da prática acabar, como será descrito posteriormente.

Mulher e mãe

As mães tiveram, nesse período de mil anos, provavelmente o mais importante dos papéis nesta história. Se não fosse a persistência e esforço delas, o costume provavelmente teria ficado restrito a alta classe social e durado menos tempo.

O fato é que, na China, a distinção social se fazia presente todos os dias na vida de milhares de pessoas, e os pés de lótus eram uma oportunidade única para filhas e famílias mudarem de vida e de classe social. Quando a amarração atingiu seu ápice na China Imperial tardia, na dinastia Qing (1644-1911), se viu uma oportunidade nunca vista antes pelos menos afortunados: bastava a menina ter um lótus dourado

(sete centímetros) para que arrumasse um bom casamento, em que nunca teria que trabalhar manualmente em toda a sua vida, já que os pés eram símbolo de status, pois tornava extremamente difícil para a mulher se locomover, mesmo pequenas distâncias.

Então, dos cinco aos sete anos, as mães iniciavam todo o processo em suas filhas, o que será aprofundado no próximo capítulo. Era um ato de amor uma mãe conseguir reunir forças para obrigar uma criança a ter seus pés quebrados para sempre. Sabendo que nunca mais poderia correr ou mesmo andar normalmente, mas teria a chance de uma vida melhor do que muitas delas de fato tiveram.

A dor infligida era estritamente ligada ao amor que uma mãe sentia por sua filha, e nascia entre elas uma ligação inquebrável. De acordo com Wang Ping, “meninas eram iniciadas na amarração entre cinco e sete anos, quando seus ossos ainda eram flexíveis, seu *qi* (força da vida primária) começando a florescer em seus corpos, e suas mentes maduras o bastante (*dongshì*) para entender a importância dessa disciplina corporal.”.

De fato, era necessária extrema disciplina de ambas as partes. A quebra dos ossos era só a primeira de muitas etapas dolorosas, que se davam diariamente entre a mãe, que obrigava a filha a andar e pular para que o procedimento se sucedesse, limpava os pés, os amarrava cada dia mais apertado, e a filha, tendo a cada dia que se disciplinar, fazer o que a mãe mandava, passar por dores que fariam parte dela para sempre, além do amadurecimento extremamente precoce. As meninas que não passavam pela dor de conseguir os pés de lótus eram ridicularizadas por todos, pois as destinavam a uma vida de trabalhos braçais, e, obviamente, sem a proteção e cuidado de um homem.

Sexo e Fetiche

Outro fator estritamente importante para a perpetuação dos pés de lótus foi, sem dúvida, o apelo feticista e sexual exercido em uma

sociedade extremamente patriarcal. Tendo surgido para marcar distinções do gênero, os pés de lótus causavam uma verdadeira reviravolta nas relações entre os sexos. Se tornando tabu no momento em que os pés eram amarrados, a proibição e mistério dos mesmos escondidos nos sapatinhos mexiam com o imaginário masculino. Ver uma mulher passar por tamanha dor para fins de uma estética baseada nos gostos masculinos sobre feminilidade certamente mexia com os homens.

Após se tornarem parte proibida do corpo feminino para eles, o mito dos pés aumentava cada vez mais, em que mais ditados e lendas surgiam para trazer mais desejo e aumentar a carga erótica do processo. A ideia do ser meio humano, meio animal tornou a mulher algo celestial: com os pés enfaixados, a pureza dela estava a salvo do mundo sujo, pois a fazia flutuar pelos ares, como se não encostasse no chão.

Era dito, por exemplo, que quanto menor fossem os pés enfaixados, mais a concavidade da vagina era perfeita, e que a amarração fazia com que os músculos do órgão ficassem mais fechados. Também os pés, colocados juntos, tinham a aparência de uma vagina, exercendo mais poder erótico.

O modo como a mulher andava, com pequenos passos, nunca muito confiantes ou mesmo certos, também era considerado atraente pelos homens. Outra prova do erotismo intrínseco eram as ilustrações eróticas dos casais na China: a única coisa que diferenciava o homem da mulher, nessas imagens, eram os sapatinhos, sempre exibidos de forma chamativa.

O tabu em torno dos sapatos era tamanho que foram narradas histórias onde os homens roubavam os sapatos de lótus das mulheres para humilhá-las ou para se masturbarem. Muitos se excitavam apenas de verem os pés descobertos, tamanha a proibição que se criou em torno das mulheres, mas outros tantos gostavam de enfiá-lo inteiro na boca e chupá-los. Havia também os mais perversos, que adoravam testemunhar a facilidade com que conseguiam fazer suas esposas sentirem dor apertando seus pés. Como em qualquer outra sociedade, periodicamente uma área do corpo feminino passa a ser considerado o

ponto erótico sobre o resto do corpo, e os pés foram por todos esses séculos a escolha dos chineses.

Beleza

De fato, é claro que a parte mais erótica do corpo da mulher eram os pés, exclusivamente os pés de lótus, e o ideal de beleza feminina girava em torno dele. A mulher mais bela de uma aldeia ou cidade não era a com pele mais clara ou olhos mais bonitos: aquela que usasse os menores sapatinhos era a mais invejada, e a mais desejada pelos pretendentes.

E, como em toda a sociedade, o padrão que a prática exercia na mente das pessoas fazia com que tudo o que fosse fora desse ideal fosse considerado anormal e digno de chacotas de terceiros. Sem dúvida, a dor dos pés quebrados era menor do que a da rejeição de toda uma sociedade por conta de um físico normal.

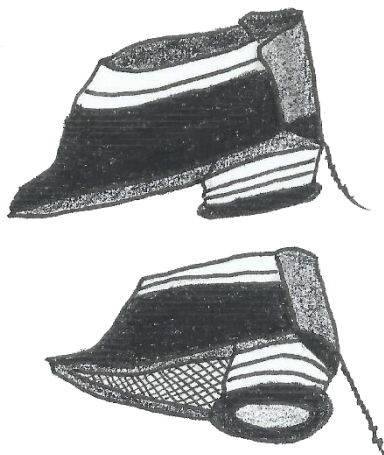


Figura 28: Sapatos de Lótus criados entre 1900-1930.

CAPÍTULO 5

OS SAPATOS DE LÓTUS

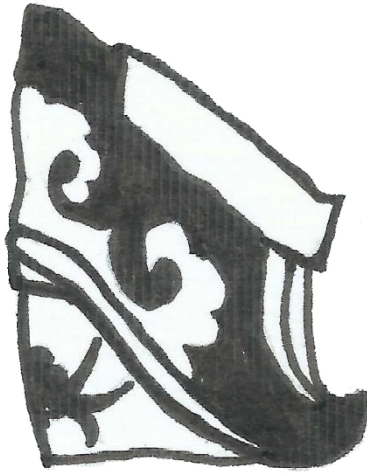


Figura 29: Sapato de Lótus

CHINA: OS SAPATOS DE LÓTUS

A história dos sapatos de lótus é muito polêmica. Se não é a peça do vestuário que mais torturou as mulheres em busca dos padrões, é uma das principais. Não se sabe ao certo onde e quando foi iniciada a cultura dos sapatos de lótus, visto que só houve pesquisa sobre o assunto no início do século XX, quando o uso se tornou ilegal e



Figura 30: Chinesa com sapatos de lótus.

ridicularizado. A seguir será contado o procedimento de enfaixamento, alguns modelos e os tamanhos.

Para os pés de lótus serem perfeitos, deveriam possuir sete qualificações – pequeno, fino, pontiagudo, arqueado, perfumado, macio e reto – para se tornar um artigo de arte e um objeto de desejo erótico. Este processo ensinava as meninas sobre dor, envelhecimento, seu lugar no mundo e a permanente ligação com suas mães e ancestrais femininas.

PROCESSO DE ENFAIXAMENTO

1. Coloque uma ponta da bandagem, com dois centímetros de largura e dez metros de comprimento, no peito do pé e dali leve até os quatro dedos menores e enrole eles uma vez;
 2. Do interior do pé, puxe a amarração em direção à ponta da frente e passe firmemente em volta do dedão;
 3. Embrulhe o calcanhar do lado externo do pé, e puxe a bandagem em direção à frente pontuda para que o calcanhar e dedos sejam puxados juntos o mais próximo possível. Enrole a frente, com exceção do dedão;
 4. Enrole sobre o peito do pé, ao redor do tornozelo, e retorne para o peito do pé;
 5. Volte para o calcanhar e enrole a bandagem do lado interno do pé para a frente pontiaguda;
 6. Enrole da parte interior e sobre o peito do pé para o lado exterior. Enrole em volta do calcanhar e puxe a bandagem de volta para a parte da bandagem no peito do pé;
 7. Repita o processo do começo até a bandagem inteira ter sido usada, depois costure o final para prevenir a amarração de se soltar.
-

Este processo logo deixava o pé inflamado e a carne deteriorada. As mães chamavam isso de processo de quebramento, que durava mais ou menos dois anos, e quanto mais quebrados os ossos estivessem, mais escanelado o pé se tornaria.

Até a média de três anos de idade, meninas pequenas passavam por esta tortura. Mães amorosas e carinhosas se tornavam rapidamente monstros que batiam em suas filhas soluçantes com varas ou vassouras, forçando-as a saltar em volta para acelerar o apodrecimento da carne e ter certeza que os ossos estavam quebrados propriamente.

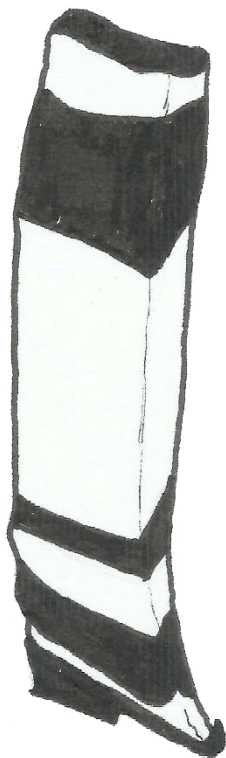


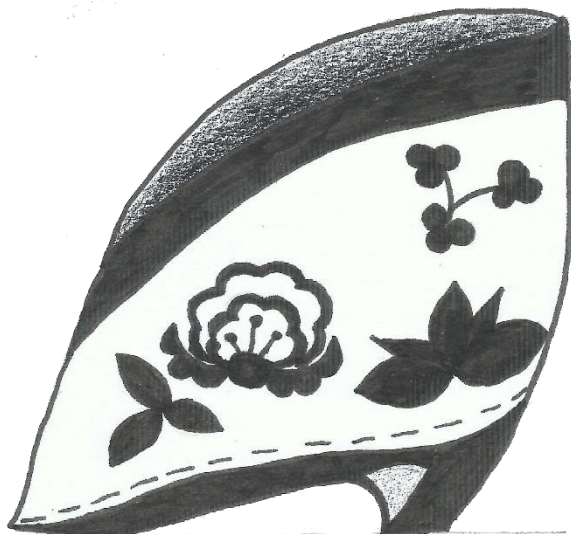
Figura 31: Botas para pés de lótus.

Modelos

Por serem utilizados por muito tempo da mesma maneira, os sapatos de lótus têm variações de cores, altura e tamanho, mas não são muito diferenciados por período. Assim, sem motivo para cada tipo, serão demonstrados alguns modelos. Os Lótus Dourados eram conhecidos por medir apenas 7,5 centímetros, enquanto os Lótus Prateados mediam 10 centímetros.

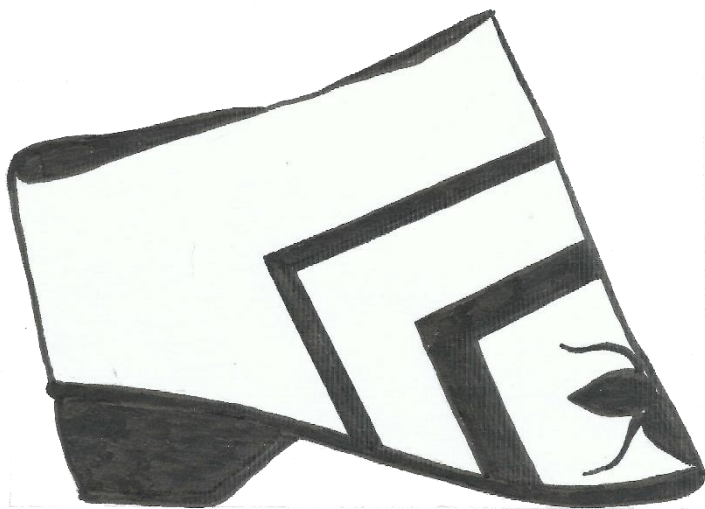


Figura 32: Variedade de Sapatos de Lótus



17,5 cm

Figura 34: “Lótus Dourado”, tamanho real.



10 cm

Figura 33: “Lótus Prateado”, tamanho real.

CAPÍTULO 6

A HERANÇA DOS SAPATOS DE LÓTUS

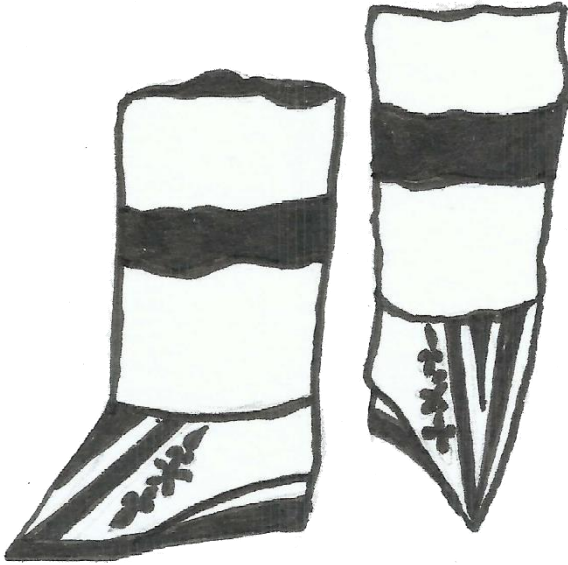


Figura 35: Botas para pés de lótus,
1885.

A HERANÇA DOS SAPATOS DE LÓTUS

Muitos fatores envolvem a etapa final dos pés de lótus, no século XX. Com o mundo modernizado, a China inevitavelmente começa a ter atenção e visibilidade de outras partes do mundo, acabando com o isolamento de tanto tempo. O crescente imperialismo traz sob os holofotes questões dos pés de lótus nunca antes levantadas. Nesse momento, muitos membros da sociedade chinesa passam a ver os pés de lótus não como símbolo de riqueza, mas como um “obstáculo aos esforços nacionais para resistir ao imperialismo ocidental”, segundo a autora Valerie Steele.

Em 1842, com a derrota da China na Guerra do Ópio e com a abertura dos chamados “portos de tratado”, que eram portos abertos ao comércio com o Ocidente e, inevitavelmente, aos estrangeiros de diferentes nacionalidades, os chineses pediam reformas para evitar maiores humilhações. Primeiro, reformularam e modernizaram armas e tecnologias, mudanças feitas até 1894. Após esse período, intelectuais (liderados por Kang Youwei e Liang Qichao) pediram mudanças em âmbitos sociais, culturais e políticos. Foram traçadas metas de um movimento de reforma nacional, no qual políticos defendiam o fim dos pés atrofiados, bem como da posição da mulher na sociedade.

Autoridades imperiais pararam a reforma em 1898, quando vários dos principais reformistas foram presos ou mortos. Apesar do atraso e do sentimento nacionalista cada vez mais forte, o anseio contra os pés amarrados continuou a crescer nos âmbitos nacionais, principalmente nos ambientes de estudo e político. Nesse cenário, deu-se o um édito contra os pés atrofiados, em 1902, o primeiro que realmente começou a ter efeito sobre a população. Com a Revolução Chinesa, que se deu em 1911, a prática foi definitivamente proibida.

Reformistas

O movimento teve origem com os missionários estrangeiros, que se horrorizavam com os pés de lótus, se espalhando para os chineses mais progressistas. Logo, políticos e intelectuais chineses resolveram tomar partido da abolição.

A partir de 1883, grupos contrários à prática foram criados na China e ajudaram, aos poucos, a introduzir a ideia dos pés de tamanho natural. Tendo sido durante mais de um milênio uma prática generalizada, em menos de um século, graças aos grupos e campanhas que tiveram início com os estrangeiros, passando depois de um curto período para lideranças locais, o enfaixamento dos pés caiu progressivamente até desaparecer. Mesmo que tenha sido fundamental o papel dos missionários estrangeiros, que introduziram a ideia de que a prática era absurda, foi de suma importância que os chineses tomassem a frente da campanha, visto que, como estrangeiros, o discurso do porquê a prática deveria ser proibida não condizia com a realidade do país.

Como parte dos argumentos, era dito que os escritos tradicionais chineses nunca citaram a amarração, além do fato de que uma mulher com pés de lótus era inútil e contrária ao recente papel desenvolvimentista do país. Em suma, diferente das falas dos estrangeiros, para se combater os pés de lótus, eram usados argumentos mais tradicionalistas.

A maior resistência contra a libertação dos pés se deu nas áreas rurais, onde as campanhas tiveram que ser pensadas de forma diferenciada, pois era a parte da sociedade mais simples e tradicionalista. Foram criadas músicas e ditados, assim como a propagação de fotos de raio-X dos pés de lótus para evidenciar a falta de naturalidade dos mesmos.

Embora oficialmente proibida em 1911, muitas pessoas continuaram com a prática ilegalmente. Visto como a situação se encontrava, em 1928, o Ministério de Assuntos Domésticos precisou impor leis mais efetivas, que incluía a visita de inspetores nas aldeias

para checar os pés das meninas, o que finalmente acabou com os pés de lótus.

Em uma das leis, o governo oferecia recompensas para os cidadãos que levassem sapatos de lótus e bandagens das mulheres que se negavam aos novos decretos, o que era visto como uma grande humilhação. Mulheres eram paradas e forçadas a tirarem seus sapatos nas ruas, o que levou algumas ao suicídio.

Neste momento, acontecia uma drástica mudança para as mulheres: o que era desejado acaba virando antiquado. A perda de status, tanto social quanto econômico, tomou conta da vida dessas mulheres, que, além de se tornarem não desejáveis para o matrimônio, muitas também eram abandonadas pelos maridos em troca de mulheres com pés naturais, sinônimo de saúde e progresso do país: o novo ideal feminino.

Para as mulheres em que a situação dos pés já não era mais reversível, o ato de andar sem as bandagens era apenas mais uma dolorida passagem necessária para a liberação das gerações seguintes, mas, para as mais velhas, apenas mais dor a suportar.

Os pés de lótus tiveram seu fim com marcas de seu surgimento: através da dor e da humilhação.

Hoje

A amarração dos pés, após seu desaparecimento, se tornou uma forma de vergonha nacional, dado o novo papel que a China conquistou no mundo moderno. Por isso, é um assunto pouco encontrado em material bibliográfico.

As mulheres que ainda têm os pés, agora idosas, não gostam de mostrá-los ou falar sobre o assunto, e os próprios sapatos de lótus são

hoje itens raros e que se tornaram relíquias colecionáveis por estudiosos ou adoradores do assunto.

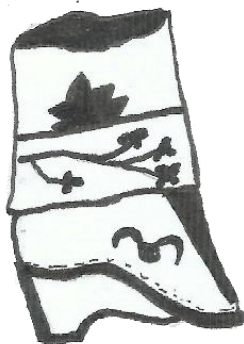


Figura 36: Sapato de Lótus

PARTE III

OCIDENTE E ORIENTE:
CONCLUSÃO

CAPÍTULO 7

A SUBMISSÃO DA MULHER AO HOMEM



Figura 37: Típicos trajes franceses do século XVIII.

A SUBMISSÃO DA MULHER AO HOMEM

Este capítulo foi escolhido para o encerramento do livro por se tratar de um assunto que fez parte e esteve presente em todos os pontos desta pesquisa, se tornando, assim, de extrema importância para o entendimento dos fenômenos sociais e das indumentárias discutidos aqui.

A figura masculina mais usada para subjugar as mulheres era a imagem de Deus: homem, autoritário e superior. A partir deste momento, o comportamento feminino, além de suas roupas, era observado de perto para se adequar à crença que se generalizou pelo planeta. Em adição a isso, a vasta diferença de culturas ao redor do mundo fez com que o corpo feminino se tornasse refém do que cada uma considerava o ideal de beleza, variando em partes e tipos: seios pequenos ou grandes, quadris, coxas, cabelo, feições, pés e etc., baseado quase inteiramente nos gostos e preferências masculinas do ideal feminino.

Embora tenham sido estudadas duas sociedades completamente diferentes, o conceito patriarcal presente em ambas é extremamente forte e determinante para que as duas peças tenham prevalecido em suas respectivas sociedades por tanto tempo. Socialmente, as duas indumentárias têm muito em comum: eram usadas para arrumar um bom casamento e, depois, para mostrar o poderio do marido: uma mulher bem espartilhada ou com os pés atrofiados demonstrava riqueza, pois não era possível realizar tarefas que exigiam esforço físico em nenhum dos casos.

Ocidente

A mulher dos séculos passados deveria ser bonita, submissa e frívola, se importar em aparecer bem vestida para a sociedade, e fazer os bordados mais bonitos. Uma mulher estudada, que talvez soubesse falar mais que a sua língua natal ou apreciasse Filosofia, por exemplo, era vista com desconfiança e desprezo pelos homens e sociedade em geral. No Ocidente, um dos principais motivos para como a mulher era

tratada em séculos passados foi a Igreja, sobretudo a Instituição Católica.

ADÃO E EVA

A história na Bíblia de Adão e Eva era usada pelos religiosos para assegurar o papel da mulher na sociedade. Era dito que foi dado poder e confiança a ela, que foi fraca para resistir às tentações por muito tempo. De acordo com os religiosos, se essa oportunidade não tivesse sido dada a uma mulher, a realidade do mundo seria outra.

Por conta disso, a mulher destes séculos “se desenvolveu” como um objeto: deveria ter personalidade fútil, se adequar aos desejos do marido depois de casada, sendo antes propriedade (e motivo de problemas) do pai. Primeiramente, deveria estar impecável para conseguir um bom casamento e, depois, para mostrar o poder de seu amado. Em suma, seu papel como mulher era ser observada. Enquanto isso, o homem tinha o papel ativo: trabalhar, comandar, estudar, proteger sua casa e família, fornecer segurança e etc. No caso do homem, a diferença é que, até o século XVII, ele tinha também o papel exibicionista: senão mais, os homens eram tão bem vestidos e vaidosos quanto às mulheres.

A cintura feminina é um dos símbolos mais importantes e expressivos da figura da mulher: demonstra delicadeza, beleza, fraqueza e até virgindade perante o homem, já que, após alguns partos, ela aumenta de 15 a 20 centímetros de circunferência. Muitas mulheres queriam recuperar a “juventude e inocência” que uma moça virgem representava.

Na visão do homem, ver o esforço da mulher para ter a silhueta ideal, pensando em melhorar a sua imagem para o amado, causava excitação e mexia com o imaginário, assim como saber de sua impotência física (correr ou fugir, por exemplo) frente a eles caso decidissem tentar algo inapropriado.

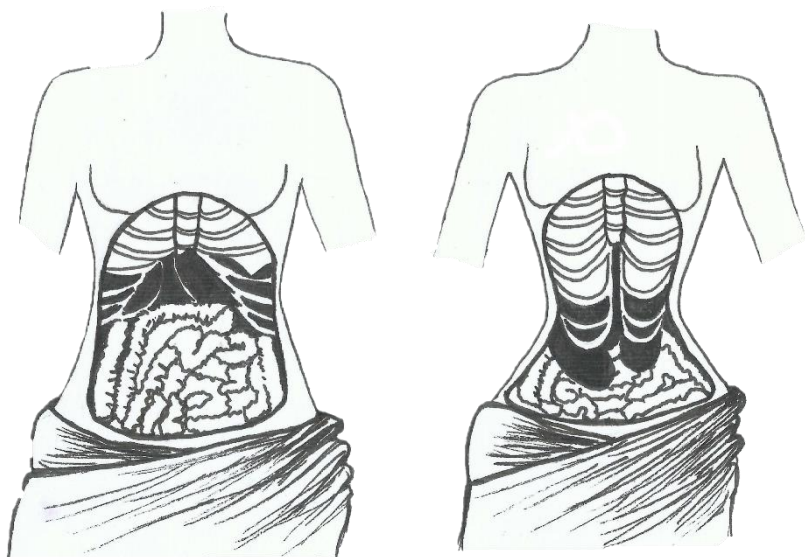


Figura 38: Comparativo entre órgãos internos em decorrência do uso do espartilho muito apertado.

BARBATANAS DE BALEIA

A barbatana do espartilho que era colocada na parte da frente podia também servir como uma arma para as mulheres que se sentissem intimidadas por pretendentes que resolvessem tirar proveito de alguma situação. Havia um abertura na costura para que a mulher retirasse a barbatana. Esse é o principal motivo que faz com que o espartilho seja visto hoje como uma peça de submissão ou de poder do sadomasoquismo.

Oriente

Na China, a popularização dos pés de lótus foi consequência da necessidade de diferenciação dos sexos que se fazia presente na época, o que fez com que os sapatos se tornassem símbolo de todos os princípios da sociedade: tornava a mulher frágil, inapta para o trabalho, além de feminina (nada mostrava mais feminilidade do que o tamanho dos pés e os sapatinhos bordados).

O sucesso da prática pode ser atribuído aos homens e à sociedade patriarcal, que tornou os pés das mulheres algo a ser adorado e idolatrado, além também da saída das jovens mulheres da pobreza para uma vida confortável que um bom casamento poderia oferecer. Todas as consequências dos pés atrofiados, como o andar cambaleante, a dor diária, a fragilidade e dificuldade em se locomover, eram vistas como características da mulher perfeita para o matrimônio.

Como resposta à adoração que os homens demonstravam, as chinesas atribuíam com cuidado excessivo dos pés e sapatos, que não podiam ser vistos por outras pessoas, apenas por seus maridos, o que inevitavelmente criou um tabu em toda a sociedade.

Amarrações

As faixas de algodão ou seda usadas para enfaixar os pés das chinesas tinham também outra utilidade: em certas ocasiões, eram usadas pelos maridos para prender as esposas em atos de submissão. Na Dinastia Sung, por exemplo, os pés enfaixados serviam para mostrar a virilidade e civilidade dos homens. Com o passar dos tempos, lendas



Figura 39: Pé saudável e pé depois de enfaixado.

e mitos falavam sobre como os pés aumentavam a feminilidade e sexualidade da mulher. Acreditava-se que, quanto menor os pés, melhor era a concavidade da vagina; também se dizia que, juntando os pés, eles pareciam o órgão genital feminino.

No ato sexual, os pés eram muito importantes, já que a proibição os envolvendo tornava o momento de desenfaixá-lo (e muitas vezes chupá-lo) extremamente prazeroso para o homem, e fonte de dor para a mulher.

Séculos mais tarde, já na época das propagandas e missões para acabar com esse costume, um dos fenômenos que colocou fim a prática foi que, após a introdução das campanhas comparando pés normais e saudáveis com os atrofiados, os homens começaram a largar suas esposas para procurar o que a sociedade, naquele momento, mostrava como saudável e natural. Assim, após a mudança cultural que tornou os pés de lótus algo antiquado, o costume virou parte da história da China e de suas mulheres.

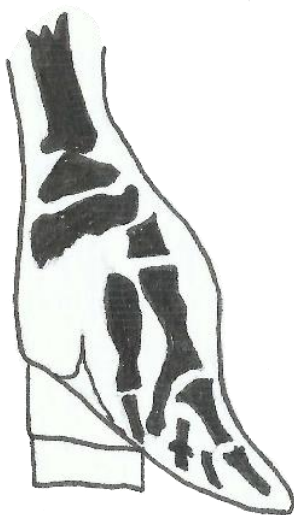


Figura 40: Exemplo de deformidade nos ossos dos pés.

Os tópicos apresentados aqui mostram que a submissão da mulher se fez presente de muitas formas: nas roupas, que impossibilitavam qualquer tentativa de esforço; o conceito de mulher-objeto, sendo primordial a aparência física; a necessidade de alterar o físico para ter a aparência que era aceita na sociedade; e a imposição de não se desenvolver intelectualmente, argumento escorado nos princípios cristãos.

Assim como a diferença entre Ocidente e Oriente, estas duas peças podem ser separadas por classe social. Enquanto os espartilhos eram usados apenas pela burguesia, ou seja, mulheres ricas que não precisavam trabalhar, os sapatos de lótus não tinham esta barreira. Qualquer mulher poderia utilizá-lo, sendo necessário, apenas, realização do processo de enfaixamento.

Muitos desses argumentos, infelizmente, ainda estão presentes nos dias atuais, claramente de maneira menos acentuada, mas que fazem com que a necessidade de denunciar tais comportamentos ainda seja necessária, seguindo caminhos que começaram a ser trilhados anteriormente, herança das sufragistas, das “liberadas” dos séculos passados e, finalmente, das feministas.



Figura 1: Sapatos de Lótus	12
Figura 2: Traje feminino típico da Inglaterra, denominado “Robe à l’anglaise”, 1780.....	15
Figura 3: Traje Bloomer.....	20
Figura 4: “Liberty Bodice”, usado por mulheres, homens e crianças, criado no fim do século XIX.	21
Figura 5: Espartilho masculino, século XIX.....	24
Figura 6: Espartilho com alças e laços, originário da França, 1780-1790.....	27
Figura 7: Traje “Kirtle”, típico da Idade Média na Europa.	29
Figura 8: Chamado “Anamaskhalister”, era uma faixa que se passava sob os seios e em seguida sobre os ombros para sustentação dos seios; origem grega.	29
Figura 9: Rainha Elizabeth I da Inglaterra.	30
Figura 10: Espartilho de ferro que data do começo do século XVI, provavelmente desenhado para figuras com deformidade.....	31
Figura 11: Traje feminino típico da Espanha do início do século XVI.	31
Figura 12: Espartilho de metal, aproximadamente 1600.	32
Figura 13: Traje feminino típico da França, anos 1770.	33
Figura 14:Espartilho laceado na parte de trás, com brocado, laços e rendas, 1735.....	34
Figura 15: Espartilho laceado na frente, 1700.....	34
Figura 16: Dândi em trajes completos.....	35
Figura 17: Menina trajando espartilho, Era Vitoriana.....	36
Figura 18: Espartilho francês sem alças, 1890-1910.....	36
Figura 19: Espartilho para grávidas com amarrações na frente, 1892.....	37
Figura 20: Espartilho originário dos Estados Unidos, 1860.	38
Figura 21:Espartilho de 1910, para silhueta em “S”.....	39
Figura 22:Espartilho com silhueta em “S”.....	39
Figura 23: Silhueta introduzida por Paul Poiret, 1914.	40
Figura 24: Espartilho (1905-1908) silhueta “S”, com ligas de cetim. .	41
Figura 25: Corset com sutiã em forma de cone, do estilista Jean Paul Gaultier; parte do figurino da turnê “Blond Ambition”, da Madonna, usado pela primeira vez em 1990.	44
Figura 26: Espartilho criado por Jean Paul Gaultier para Madonna, 2012.....	45

Figura 27: Sapatos de Lótus.....	49
Figura 28: Sapatos de Lótus criados entre 1900-1930.....	50
Figura 29: Sapato de Lótus.....	50
Figura 30: Chinesa com sapatos de lótus.....	50
Figura 31: Botas para pés de lótus.....	50
Figura 32: Variedade de Sapatos de Lótus.....	50
Figura 33: “Lótus Prateado”, tamanho real.....	50
Figura 34: “Lótus Dourado”, tamanho real.....	50
Figura 35: Botas para pés de lótus, 1885.....	50
Figura 36: Sapato de Lótus.....	50
Figura 37: Típicos trajes franceses do século XVIII.....	50
Figura 38: Comparativo entre órgãos internos em decorrência do uso do espartilho muito apertado.....	50
Figura 39: Pé saudável e pé depois de enfaixado.....	50
Figura 40: Exemplo de deformidade nos ossos dos pés.....	50

BIBLIOGRAFIA

- BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. 267 p.
- BOWMAN, Karen. **Corsets & Codpieces** – A history of outrageous fashion, from Roman Times to the Modern Era. Nova York: Skyhorse Publishing Inc, 2015. 176 p.
- CATELLANI, Regina Maria. **Moda Ilustrada de A a Z**. Barueri, SP: Manole, 2003. 728 p.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2011. 200 p.
- KECK, Margaret; SIKKINK, Kathryn. **Activists Beyond Borders**. 1. ed. Nova York: Cornell University Press, 1998. 240 p.
- KÖHLER, Carl. **História do Vestuário**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda., 2011. 564 p.
- LAVER, James. **A Roupas e a Moda: Uma história concisa**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 288 p.
- LEOTY, Ernest. **Le Corset à Travers les Âges**. Paris: Paul Ollendorff Editeur, 1893. 110 p.
- LIMA, Edvaldo pereira. **Páginas Ampliadas: O Livro-reportagem Como Extensão do Jornalismo e da Literatura**. 4. ed. Barueri: Editora Manole, 2008. 486 p.
- LORD, William Barry. **The Corset and the Crinoline: A book of modes and costumes**. Londres: Ward, Lock and Tyler, 1868. 227 p.
- MEDEIROS, Janaina. **Costurando para Fora** – A emancipação da mulher através da *lingerie*. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2010. 104 p.

MORRIS, Desmond. **A Mulher Nua**. São Paulo: Editora Globo, 2005. 247 p.

O'KEEFFE, Linda. **Sapatos**: uma festa de sapatos de salto, sandálias, botas... Portugal: H.F. Ullmann, 2008. 510 p.

PING, Wang. **Aching for Beauty – Footbinding in China**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2000. 265 p.

PRIORE, Mary Del. **Histórias e Conversas de Mulher**. São Paulo: Planeta, 2013. 303 p.

STEELE, Valerie. **Fetichismo**: moda, sexo e poder. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 244 p.

STEVENSON, NJ. **Cronologia da Moda**: de Maria Antonieta a Alexander McQueen. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 288 p.

CATFLY. **Última Seguidora dos pés-de-lótus Chineses Revela os Danos**. Disponível em: <<https://catfly.com.br/post/ultima-seguidora-dos-pes-de-lotus-chineses-revela-os-danos>>. Acesso em maio de 2018.

HERMITAGE MUSEUM. **Lotus Shoes**. Disponível em: <<http://www.hermitagemuseum.org/wps/portal/hermitage/digital-collection/12.+Costumes,+Uniform,+Accessories/278551>>. Acesso em maio de 2018.

MOONEY, John. **From Hazardous Waists to Talkin' Bol**ks: how comedy can be used for public health**. Disponível em: <<https://theconversation.com/from-hazardous-waists-to-talkin-bolks-how-comedy-can-be-used-for-public-health-35594>>. Acesso em maio de 2018.

WIKIMEDIA COMMONS. **R and G Corset**. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:R_and_G_corset_no397_1899.jpg>. Acesso em maio de 2018.

